



FDC
LONGEVIDADE

Março 2021

SOCIEDADE

TrendBook Volume 3

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIRO TÉCNICO



CARTA AOS LEITORES

O envelhecimento da população foi identificado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das quatro megatendências para o século, e as projeções indicam que o Brasil será, em 2050, o sexto país com o maior número de pessoas acima de 60 anos no mundo. Uma das maiores conquistas da humanidade, a chamada Revolução da Longevidade traz esperança de tempos melhores e também apresenta transformações e desafios de diferentes tipos para a sociedade. Preparar as escolas, os negócios, as organizações e as pessoas para o aumento da expectativa de vida da população é uma tarefa de todos que buscam a construção de uma nação economicamente próspera e socialmente justa e inclusiva.

Como uma escola de negócios que tem o compromisso ético de contribuir com o desenvolvimento sustentável da sociedade, a Fundação Dom Cabral (FDC) tem investido esforços para jogar luzes sobre esse tema, gerando e disseminando conhecimento relevante, articulando atores e saberes para impulsionar a dinâmica social e econômica diante do fenômeno demográfico da longevidade.

Esta publicação integra os esforços da FDC e expressa a nossa convicção de que é hora de ampliar as reflexões e as práticas organizacionais e individuais para esse fenômeno mundial. Desejo uma ótima leitura.



ANTONIO BATISTA
DA SILVA JUNIOR

Presidente-executivo
Fundação Dom Cabral

CARTA AOS LEITORES

Costumamos dizer que o mundo mudou e que a vida não é mais como era antes, mas dizemos isso de forma tão automatizada que pouco refletimos sobre quais mudanças seriam essas. A forma como vivemos, trabalhamos, viajamos, nos comunicamos, nos relacionamos com o outro, lidamos com a evolução tecnológica e buscamos experiências culturais e estéticas estão mudando de forma muito acelerada, principalmente neste momento em que enfrentamos uma pandemia. Mas, talvez, a principal transformação que estejamos testemunhando seja a demográfica.

A longevidade chegou para ressignificar a forma como vemos a realidade. Hoje, não estamos apenas vivendo mais; estamos vivendo com qualidade, mantendo a produtividade e cultivando hábitos saudáveis. Como empresa de saúde, a Unimed Belo Horizonte está atenta a esse cenário e vem contribuindo, há quase 50 anos, para promover mais saúde e qualidade de vida para a população com mais de 60 anos. Afinal, nossa vocação e nosso propósito são cuidar de pessoas.

Por isso, para nós, é uma grande honra contribuir com este projeto, capitaneado pela Fundação Dom Cabral, com o objetivo de colocar a longevidade em perspectiva. Conhecer melhor essa geração, da qual faço parte, é fundamental para que possamos, dentro do que é possível, projetar o amanhã. Estamos certos de que esta pesquisa traduz o espírito de nosso tempo e servirá como importante insumo para o futuro.



SAMUEL FLAM

Diretor-presidente

Unimed-BH

EDITORIAL

Qual é o melhor sonho de futuro que todos nós podemos ter? Para nós, não há dúvidas de que ter um futuro com qualidade de vida seja o grande desejo que ancora qualquer outro sonho de vida. Só essa visão justificaria o impulso contínuo que temos de produzir e falar da longevidade. O conteúdo deste *Trendbook* para o FDC Longevidade vem recheado de caminhos que apontam para esse equilíbrio.

Mas, mais do que isso, a prática de inovação, empreendedorismo e pesquisa de tendências nos traz, ainda, o desafio de colocar na pauta das grandes marcas, das indústrias, dos governos e gestores a revolução que estamos vivendo e que, de fato, nos obriga a revisitar conceitos, quebrar padrões e discutir tabus. Para os mais estratégicos, é neste oceano azul da longevidade que estão as grandes oportunidades para o futuro.

Esperamos que aproveitem o documento com duas visões: sonhos pessoais e oportunidades de mercado.

Boa leitura,



LAYLA VALLIAS

especialista em Economia Prateada, cofundadora do Hype50+ e Janno, coordenadora do maior estudo sobre longevidade do país, Tsunami60+



Mariana Fonseca

jornalista, futurista, cofundadora da Pipe. Social e coordenadora do maior estudo sobre longevidade do país, Tsunami60+

EQUIPE

COORDENAÇÃO & EDIÇÃO:
Layla Vallias e Mariana Fonseca

ATENDIMENTO & GESTÃO:
Cléa Klouri e Michelle Queiroz

PESQUISA & REDAÇÃO:
Betânia Lins, Laís Grilletti, Lidia Zuin

ARTICULISTAS:
Flavia Ranieri e Tássia Chiarelli

REVISÃO: Tânia Lins

DESIGN: Thais Erre Felix

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

AOS ENTREVISTADOS:
Alexandre Kalache, Antônio Leitão,
Ashton Applewhite, Bruno Barroso,
Karla Giacomini, Roberto Teixeira da Costa,
Rodrigo Campello, Rosana Chaves

Bem-VINDOS!

A revolução da longevidade gera impactos profundos na sociedade que podem ser analisados a partir de inúmeras perspectivas. No recorte desta publicação, optamos por priorizar alguns dos principais desafios no campo do etarismo, previdência, trabalho e desigualdade social, mas também trouxemos exemplos de soluções e atores que fazem acontecer dentro deste ecossistema. Apesar de termos capítulos segmentados, facilitando a compreensão dos temas, na vida real as linhas que os separam são quase inexistentes. Nossa intenção é descortinar olhares para uma visão integrada das diferentes dimensões de impacto, contribuindo para despertar o valor do engajamento social!



MICHELLE
QUEIROZ COELHO

Professora-associada da FDC
e coordenadora do FDC Longevidade

capítulo 1:

AS NOVAS SOCIEDADES ENVELHECIDAS08

▶ INTRODUÇÃO

O telhado branco do mundo09

Objetivos do desenvolvimento sustentável X longevidade12

O Dom Quixote brasileiro que fez da causa do envelhecimento sua missão de vida14

O preconceito contra o você do futuro17

No forró da terceira idade, velho não entra20

O movimento global contra o ageísmo22

▶ CENÁRIOS PRATEADOS

É hora de preparar o mundo para o envelhecimento23

Países adaptados26

Cidades para todos28

Casas inteligentes para 60+31

O que acontece quando o preferencial se torna maioria?34

capítulo 2:

TRABALHO e PREVIDÊNCIA X EXTENSÃO DA VIDA36

▶ PREVIDÊNCIA

O bê-á-bá da previdência37

Um senhor economista40

A reinvenção da aposentadoria42

▶ TRABALHO

10 profissões do futuro para cuidar do envelhecimento46

Geronto o quê?48

O papel dos seniores na política50

capítulo 3:

ECOSSISTEMA SOCIAL DA LONGEVIDADE52

▶ INTRODUÇÃO

O copo cheio: a revolução da longevidade já começou pelo Brasil53

▶ QUEM FAZ

Mapa Social da Longevidade54

A pauta da longevidade na educação56

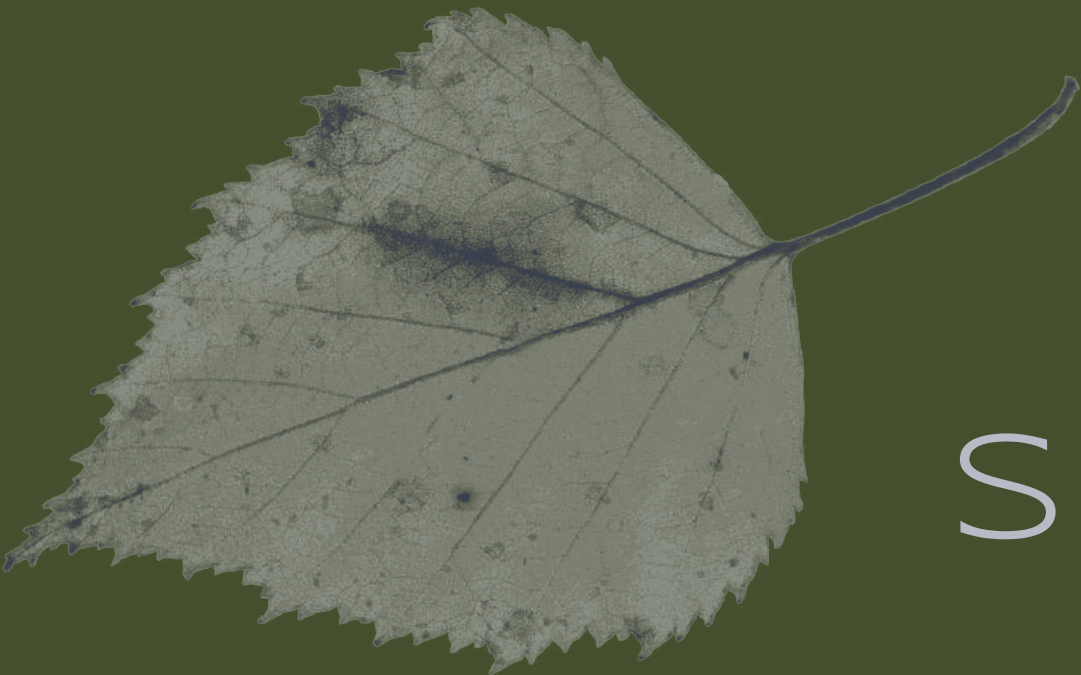
Não se constrói paraíso econômico em cima da ruína social59

▶ ARTICULAÇÃO

Fundo do idoso: incentivo fiscal que poucos conhecem62

UM CONVITE PARA VOCÊ66

REFERÊNCIAS67



sumário



CAPÍTULO I

AS novas SOCIEDADES envelhecidas

O TELHADO Branco do mundo

“O anúncio da Década do Envelhecimento Saudável, da ONU, envia um sinal claro de que é apenas trabalhando juntos, dentro do sistema das Nações Unidas e com governos, sociedade civil e setor privado, que poderemos não apenas adicionar anos para a vida, mas também vida aos anos.”

DR. TEDROS
ADHANOM
GHEBREYESUS,
diretor-geral da Organização
Mundial da Saúde

WORLD
ECONOM
FORUM

ESTAMOS ADENTRANDO NA DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL E O MUNDO ESTÁ SE ORGANIZANDO PARA CONDUZIR AÇÕES COLABORATIVAS QUE VALORIZEM A QUALIDADE DE VIDA NA LONGEVIDADE.

A Década do Envelhecimento Saudável, que integra a Estratégia Global sobre o Envelhecimento e a Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), prevê que de 2020 a 2030 seja conduzido um plano de colaboração combinada, catalítica e sustentada em prol da temática. Baseada no Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento das Nações Unidas de Madrid – e alinhada ao cronograma da Agenda 2030 das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável –, a iniciativa tem por meta dar luz ao fato de o envelhecimento saudável ser uma realidade possível para todos. Uma conquista, aliás, que requer a troca de repertório: **da ausência de doença para a promoção da habilidade funcional, que permite ao maduro fazer aquilo que valoriza.**

As vidas mais longas correspondem a uma das conquistas coletivas mais notáveis da humanidade por refletirem os avanços nos campos social e econômico e na nossa capacidade de lidar com sucesso com doenças infantis fatais. Em contrapartida, há pouca evidência de que os 60+ de hoje tenham uma saúde melhor do que a de gerações anteriores, ou seja, há uma clara demanda em zelar para que a população longeva contemporânea mantenha a habilidade funcional que permite o bem-estar em idades avançadas. Para que

isso se torne uma realidade, o envolvimento de vários grupos da sociedade civil, de comunidades, do setor privado e dos governos será essencial. Um alerta é para a criação e entrega de programas e políticas voltados para grupos vulneráveis, excluídos e marginalizados.

E por que é tão importante motivar reflexões e ações nessa direção? Segundo análise da OMS, no fim da Década do Envelhecimento Saudável, em 2030, o número de sessentões será 34% maior do que é hoje, passando de 1 bilhão (2019) para 1,4 bilhão; em 2050, a população madura terá mais que dobrado, registrando 2,1 bilhões. Se o argumento de 10 anos adiante parece distante, vale lembrar que hoje – pela primeira vez na história – temos no Brasil mais pessoas 60+ do que crianças abaixo de cinco anos; em 2050, serão mais do que o dobro dessa faixa etária infantil e devem ultrapassar o número de adolescentes e jovens entre 15 e 24 anos. Além disso, essas previsões vêm se mostrando conservadoras, já que batemos a expectativa de alcançar 30 milhões em 2018, quando a previsão era chegar a esse número até 2025 pelo IBGE.

Segundo Alana Officer, líder da equipe de Mudança Demográfica e Envelhecimento Saudável da OMS, a iniciativa resulta de vários anos de colaboração com parceiros de todo o mundo e representa um novo co-

TODOS OS ANOS,
NA CHINA, ENTRE **8 A 10**
MILHÕES DE CHINESES
COMPLETAM 60 ANOS.

Fonte: Daxue Consulting / 2019



Em 2019

A POPULAÇÃO
60+ DO MUNDO
RESIDIA

Em 2050

80% DA
POPULAÇÃO
60+ DO MUNDO
ESTARÁ NOS
PAÍSES MENOS
DESENVOLVIDOS!

26%

na Europa e na
América do Norte

8%

na América
Latina e no
Caribe

4%

no Norte da África e na
África Ocidental

5%

na África
Subsaariana

37%

na Ásia Oriental
e no Sudoeste
Asiático

18%

na Ásia
Central e
Meridional

0,7%

na Oceania

Fonte: Daxue Consulting / 2019

meço. “Se quisermos ter sucesso em entregar a mudança prevista para a década, precisamos de novas formas de trabalhar”, afirma, acrescentando que OMS e ONU estão buscando contribuições de todas as partes do planeta para a construção de uma plataforma colaborativa (Decade of Healthy Ageing), na qual o conhecimento sobre o envelhecimento pode ser acessado, compartilhado e produzido por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo.

VIDAS LONGAS E SAUDÁVEIS

A Década do Envelhecimento Saudável trará oportunidades para que sejam realizados os investimentos e as adaptações apropriados para a promoção do envelhecimento saudável, incluindo serviços de saúde e assistência social integrados, criando ambientes inclusivos para as pessoas idosas. Há uma demanda por potencializar inovações digitais, tecnologias assistenciais, médicas e científicas que possam promover uma longevidade

saudável. Essa recomendação é muito importante, de acordo com especialistas, sobretudo se considerarmos que a maior parte dos maduros vive em países em desenvolvimento, passando de 652 milhões (2017) para 1,7 bilhão em 2050. Entre as nações desenvolvidas, o número passará de 310 milhões para 427 milhões. Projeções apontam que quase 80% da população 60+ do mundo estará nos países menos desenvolvidos nesse ano-base.

A LONGEVIDADE É FEMININA

É fato que as mulheres costumam viver mais do que os homens; em 2017, elas eram 54% da população mundial 60+, sendo que 61% tinham 80+. **As que nascerem entre 2020 e 2030 terão uma expectativa de vida de três anos a mais do que os homens nascidos no mesmo período.** Esse dado norteia a preocupação de criar uma abordagem nova para o envelhecimento das mulheres, em especial, nas relações de gênero – que influenciam a saúde física, mental e financeira delas. Atualmente, as mu-

lheres maduras são mais pobres; têm menos economias e ativos do que os homens por conta de uma jornada de vida de discriminação, algo que afeta a equidade de oportunidades escolares e no mercado de trabalho.



ELas sofrem mais

Nos países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a pensão paga às mulheres é, em média, 27% menor que a dos homens.

As maduras estão, em algumas partes do mundo, mais vulneráveis à pobreza e em desvantagem quando o assunto abarca propriedades e herança de terras.

Por conta das barreiras educacionais, as mulheres são desproporcionalmente afetadas pela automação das funções, pela mudança tecnológica e inteligência artificial.

A força de trabalho feminina compõe o maior número de cuidadores não remunerados, incluindo o setor informal.

Para a Década do Envelhecimento Saudável dar certo, os governos e as sociedades devem responder integralmente a uma implementação que será liderada por cada país. Enquanto o poder público será responsável por implementar políticas, acordos financeiros e mecanismos de prestação de contas em variados níveis admi-

nistrativos, organizações da sociedade civil, negócios e líderes comunitários desempenharão papéis-chave na garantia do domínio local do plano e no desenvolvi-

mento de diversas partes interessadas. Cuidar do telhado branco do mundo requer um pacto sólido de distintos atores sociais.

RECOMENDAÇÕES

O PLANO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA DÉCADA DE ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL DEFENDE A IMPORTÂNCIA DE MUDAR A FORMA COMO AS PESSOAS PENSAM, SENTEM E AGEM EM RELAÇÃO À IDADE. PARA AUXILIAR ATORES-CHAVE NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES EFICAZES, O DOCUMENTO REÚNE ALGUMAS RECOMENDAÇÕES:

 **ESTADOS membros** | Adotar ou ratificar legislação para banir a discriminação por idade e garantir mecanismos para a aplicação – especialmente na saúde, no emprego e na formação continuada; apoiar o desenvolvimento e a implementação de programas, atividades educativas e intergeracionais para reduzir a discriminação etária e promover a solidariedade entre as gerações; conduzir campanhas com base em pesquisas; e garantir que a mídia apresente uma visão equilibrada sobre o envelhecimento.

 **secretaria da organização mundial da saúde e outras agências das nações unidas** | Projetar ferramentas para a mensuração da discriminação etária e fornecer uma avaliação padronizada;

apoiar países na compreensão da discriminação por idade em contextos e projetar modelos e mensagens para a transformação positiva; fornecer orientação e treinamento e; garantir que as políticas, orientações e comunicações das Nações Unidas não contendam estereotipação, preconceito ou discriminação por idade.

 **parceiros nacionais e internacionais** | Coletar e divulgar evidências do envelhecimento, os papéis, as contribuições e o capital social da pessoa idosa sobre as implicações sociais e econômicas da discriminação por idade; garantir que a mídia e o entretenimento apresentem uma visão equilibrada da temática; participar de campanhas que aumentem o conhecimento e o entendimento público sobre o envelhecimento saudável; e promover pesquisas sobre a discriminação por idade.

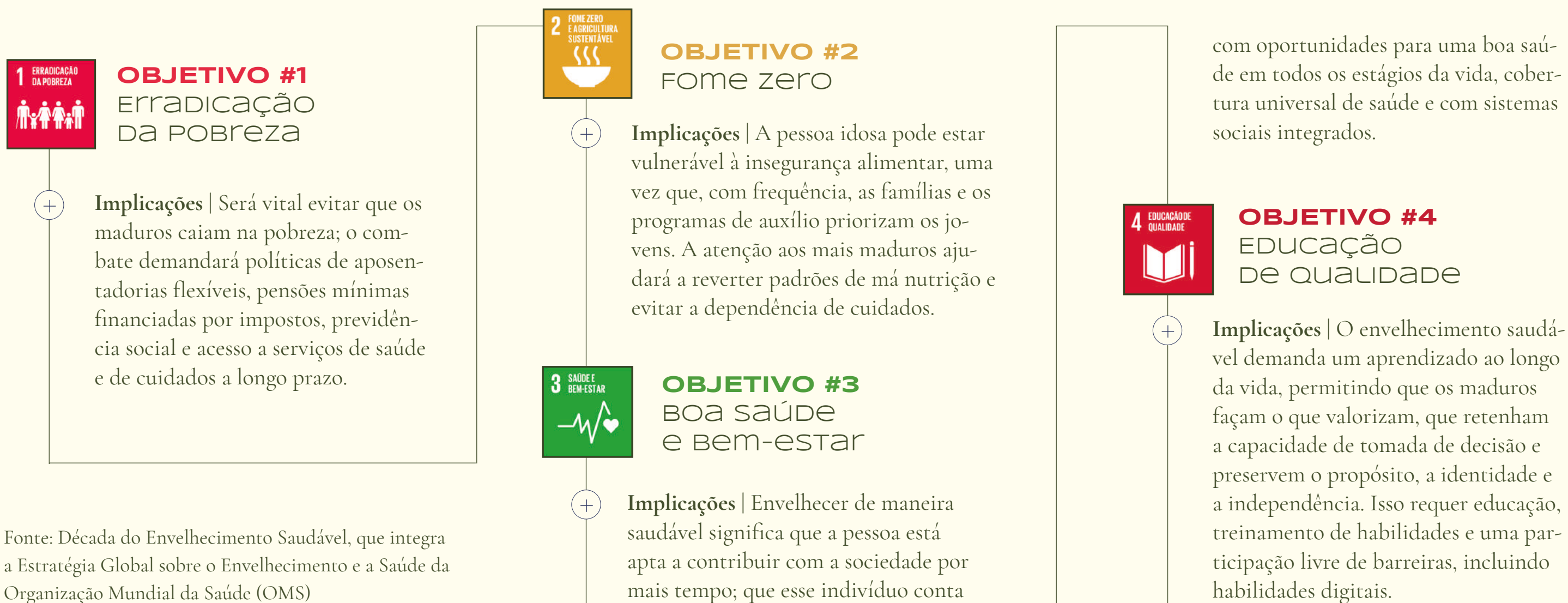
O FDC Longevidade tem orgulho em estar em consonância com as diretrizes desse plano dando luz a temas extremamente importantes da longevidade, como você pode observar em nossos estudos anteriores e nas próximas páginas.

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL X LONGEVIDADE

COMO OS ODS VISITAM TAMBÉM OS DESAFIOS DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO 60+

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) compõem uma agenda mundial, adotada durante a *Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável*, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem

atingidos até 2030. Nesse compromisso fundamental para o futuro da humanidade estão previstas ações mundiais em diversas áreas que também contribuem para o envelhecimento saudável. Saiba como:





OBJETIVO #5

IGUALDADE DE GÊNERO



Implicações | A busca pela equidade de gênero ao longo do curso da vida levará a melhores resultados em estágios posteriores do viver. Portanto, os sistemas devem promover a equidade da participação na força de trabalho e das pensões previdenciárias, de modo a elevar o *status* econômico das mulheres idosas e melhorar o seu acesso a serviços. A violência de gênero deve ser eliminada.



OBJETIVO #8

EMPREGO DIGNO e crescimento econômico



Implicações | A população em idade ativa – que inclui muitas pessoas idosas – deve ter oportunidades de emprego e condições dignas de trabalho. A renda individual e o acesso a serviços financeiros contribuirão para o acesso a serviços de saúde e produtos, reduzindo o risco de gastos catastróficos. Uma força de trabalho saudável aumenta a produtividade e reduz o desemprego.



OBJETIVO #9

INDÚSTRIA, INOVAÇÃO e infraestrutura



Implicações | A infraestrutura para o envelhecimento saudável demandará acesso à internet; pesquisa e intervenções com base em evidências que tornem a pessoa idosa visível por análises e dados desagregados; e novas tecnologias e saúde digital.



OBJETIVO #10

REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES



Implicações | Os maduros vivenciam um acesso desigual a serviços e apoio em suas casas, vizinhanças e comunidades, frequentemente por conta de seu gênero, de sua etnia ou nível de escolaridade. O envelhecimento saudável demanda políticas para a superação dessa iniquidade em todos os setores.



OBJETIVO #11

CIDADES e comunidades sustentáveis



Implicações | Favoráveis aos diferentes grupos etários, permitindo que todas as pessoas maximizem suas capacida-



OBJETIVO #16

PAZ, JUSTIÇA e INSTITUIÇÕES FORTES



Implicações | Instituições inclusivas quanto à idade ajudam os maduros a alcançar coisas que as gerações anteriores não poderiam imaginar. São necessárias campanhas para aumentar a conscientização sobre a discriminação por idade, ativismo específico voltado ao envelhecimento saudável e leis que visem à prevenção da discriminação por idade em todos os níveis.



OBJETIVO #17

PARCERIAS em PROL das metas



Implicações | O envelhecimento saudável não deve deixar ninguém para trás; deve criar um futuro para pessoas de todas as idades. Isso demandará parcerias ativas entre vários setores e partes interessadas.

des durante todo o curso de suas vidas. Múltiplos setores (saúde, proteção social, transporte, moradia e trabalho) e partes interessadas (sociedade civil, pessoas idosas e suas organizações) devem estar envolvidos em sua criação.

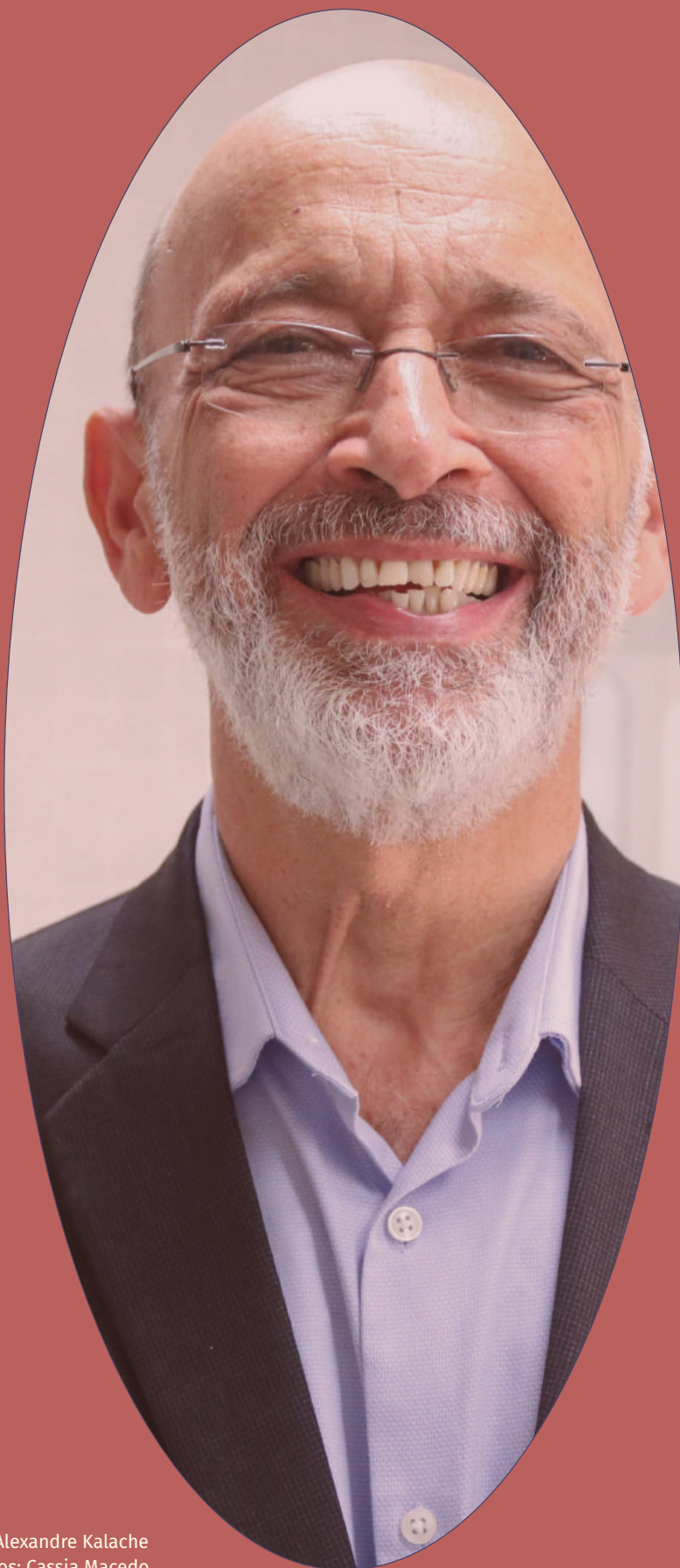


Foto: Alexandre Kalache
Créditos: Cassia Macedo
e Verônica Bertoni

O DOM QUIXOTE BRASILEIRO QUE FEZ DA CAUSA DO ENVELHECIMENTO SUA MISSÃO DE VIDA

“A vida deixou de ser uma corrida de 100 metros – o marco final estava à vista. Tornou-se uma maratona – na qual não sabemos aonde vamos chegar.”

Alexandre
Kalache

em artigo para Folha S.Paulo de
outubro de 2020.

MAIOR REFERÊNCIA DO PAÍS, HÁ 45 ANOS ELE COMBATE O IDADISMO E, HOJE, AOS 75 ANOS, DIZ QUE VAI LUTAR PELOS PRÓPRIOS DIREITOS ATÉ O FIM.

Pessoas mais velhas são parte da vida de Alexandre Kalache desde a sua infância. O contato com os avós e tios da sua família, somado ao interesse pelos estudos de Antropologia e Demografia, levou o médico epidemiologista a estudar o envelhecimento em uma época na qual a longevidade não parecia um assunto urgente. Hoje, 45 anos depois, Kalache continua ativo em sua missão de proporcionar ao Brasil – e ao restante do mundo – um envelhecimento com mais dignidade, saúde e bem-estar.

Alexandre Kalache cresceu em uma família de velhos. Sua avó tinha 13 irmãos; o avô, 17. Enquanto os homens saíam para trabalhar, as mulheres ficavam em casa. Kalache, porém, trocava qualquer futebol na rua com os vizinhos para ouvir as histórias que elas traziam da Itália, do Líbano, da Grécia e de Portugal. Histórias de outras terras distantes, mas também de um Brasil profundo, contadas pelas empregadas da família.

Aos quatro anos, sua mãe escreveu em seu Livro do Bebê, caderno de recordações dessa primeira infância: **“Estou tão feliz porque o Alexandre disse que, quando ele crescer, vai ser médico para cuidar dos pais que, então, serão velhos”**. O médico brinca que estava predestinado. “Sempre soube que poderia fazer o que quisesse na vida, desde que fosse médico”, conta. Com o sonho de trabalhar com saúde pública, por cinco anos, Alexandre Kalache trabalhou como médico no Brasil. Até que, em 1975, conseguiu uma bolsa para fazer um Mestrado na Universidade de Londres. Quando chegou à cidade, percebeu de imediato: comparada ao Brasil, cuja população idosa não passava de 5%, a Inglaterra era um país velho. “Fiquei impressionado”, ele lembra.

O *insight*, porém, veio tempos depois na forma de uma nota de rodapé. Algo que poderia passar despercebido se não fosse um ponto de virada na história de Kalache. Em meio aos estudos do Mestrado, ele descobriu que 83% dos médicos



Foto: Cassia Macedo e Verônica Bertoni

POR QUE VOCÊ PRECISA CONHECER AS CONQUISTAS DO DR. ALEXANDRE KALACHE:

Quando a Revolução da Longevidade ainda era uma onda distante no horizonte, Alexandre Kalache já alertava para o impacto dessa transformação no nosso existir social, político e econômico. Em mais de cinco décadas de carreira, já atuou como pesquisador acadêmico, conselheiro e membro de mais de 40 organizações mundiais como a Organização Mundial da Saúde, o Fórum Econômico Mundial e a Organização das Nações Unidas, trabalhando em defesa dos direitos humanos das pessoas idosas.

Kalache liderou, por 14 anos, o Programa Global de Envelhecimento e Saúde da OMS, desenvolvendo frameworks de políticas públicas para o Envelhecimento Ativo. Nesse período, lançou a Política de Envelhecimento Ativo da OMS e o

projeto Cidade Amiga do Idoso, que hoje inspiram mais de 3 mil cidades ao redor do mundo.

Foi pioneiro ao levar a pauta do envelhecimento em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado, mas também para a sala de aula como Professor Associado e Pesquisador Sênior da Universidade de Oxford. Entre Rio de Janeiro, Londres, Nova York e Granada, Kalache foi uma das primeiras vozes da Longevidade no mundo, e é até hoje uma das mais ouvidas.

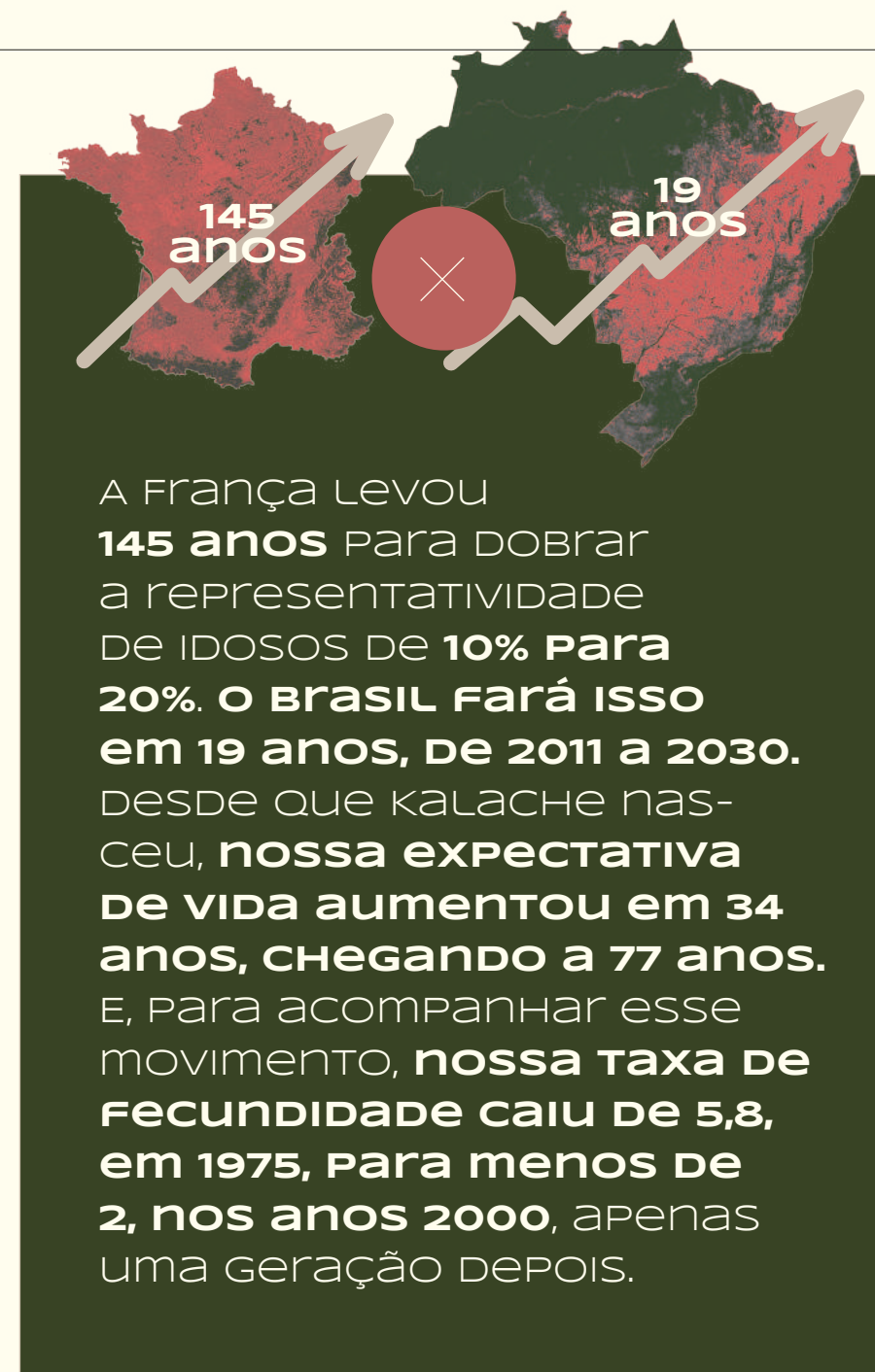
Aos 75 anos, ele é presidente do Centro Internacional da Longevidade Brasil, Embaixador Global da Help Age International, além de consultor de políticas para países como Portugal, Austrália, Espanha e Reino Unido.

geriatrias da Inglaterra vinham de fora – da Índia, de Bangladesh, do Paquistão e Egito. Isso porque a geriatria era uma porta de entrada para atuarem no país, com baixa concorrência, já que os médicos ingleses não se interessavam pela área. Aquela informação incomodou o médico brasileiro. Por que um dos países mais velhos do mundo não tinha uma geração de profissionais interessados pelo envelhecimento? A pergunta tornou-se tema de seu mestrado.

Duas pesquisas o ajudaram a entender esse cenário. A primeira buscava conhecer quem eram os geriatras britânicos e qual o nível de satisfação que tinham com o trabalho. Kalache descobriu que a proporção era 50/50: metade deles estava lá por escolha; metade por falta de outras oportunidades. A diferença vinha de uma única questão: aqueles que escolhiam a geriatria por paixão tinham convivido com pessoas velhas desde a infância e adolescência. Todos os outros, não.

Aquela descoberta mudou a carreira de Alexandre Kalache e, por consequência, os rumos do envelhecimento no mundo. Em função do Mestrado, o médico foi convidado para trabalhar na Universidade de Oxford.

Por lá, porém, sentia-se um verdadeiro Dom Quixote falando sobre seus moinhos de vento. Ninguém parecia enxergar o que Kalache enxergava: não eram só os países desenvolvidos; mas sim todos no mundo sofreriam uma mudança drástica, e veloz, na sua pirâmide etária. Décadas depois, os dados comprovam sua visão.



Os moinhos de vento eram reais e, mesmo sem o apoio ou os recursos esperados, Kalache lutou por essa causa em todos os espaços que ocupou. Primeiro, em Oxford, tratando de educação médica e saúde primária com foco em envelhecimento. Anos depois, foi o responsável por criar o primeiro curso de mestrado sobre o assunto na mesma universidade. Mas, para além das salas de aula, Kalache liderou uma verdadeira revolução nos anos em que trabalhou para a Organização Mundial de Saúde.

Em 1994, o médico foi convidado para dirigir o programa da Saúde e do Envelhecimento da OMS que resultou no Marco Político do Envelhecimento Ativo, definindo os quatro pilares fundamentais: saúde, aprendizado, participação social e segurança. Em 2004, lançou o programa Cidade Amiga do Idoso, um reconhecimento para as cidades que promovem o envelhecimento ativo.

“Eu não sou o mais bem informado ou o mais inteligente, mas eu sou mais apaixonado. Eu não abandonei aquela paixão da infância, que carreguei até o clique profissional, mesmo sendo contrária à maré. Eu não desisti.”

Quando Kalache imagina o futuro do Brasil, em 2050, um ar angustiante ainda toma o seu peito. Envelhecer em um país tão desigual é motivo de apreensão. A falta de condições sociais para o envelhecimento digno, garantindo bem-estar, saúde, renda, teto e dignidade a quem passa dos 60 anos, pode tornar o futuro difícil para muitos de nós.

Por isso, aos 75 anos, lutar pela causa do envelhecimento é também lutar pelos próprios direitos até o fim. E, longe de querer parar, Alexandre Kalache conta que, se pudesse investir toda a sua energia em uma transformação, seria o combate ao idadismo. **Esse é o maior de todos os males no envelhecimento: o preconceito às pessoas mais velhas.**



Foto:
Pexels.com

O preconceito contra o você do futuro

“Em função do ageísmo, idosos recebem tratamento diferencial e têm acesso desigual a oportunidades e direitos sociais, com base no critério da idade e na falsa crença de que todos os velhos são frágeis, desamparados e improdutivos, um peso para a sociedade”.

ANITA
LIBERALESSO NERI

psicóloga e pesquisadora na área
de gerontologia da Universidade
Estadual de Campinas.

O AGEÍSMO ESTÁ DENTRO DE CASA, NAS RUAS E NAS EMPRESAS – E SÓ AUMENTOU DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.

Ageísmo, idadeísmo, etarismo, velhofobia. Independentemente do termo que você prefira usar, esse é um assunto sério. Segundo a Pesquisa dos Valores Mundiais, realizada pela Organização Mundial de Saúde, em 2018, com 83 mil pessoas em 57 países, 6 em cada 10 têm opiniões negativas em relação à velhice. Os mais velhos são frequentemente considerados menos competentes e capazes que os mais jovens e um fardo para a sociedade e para as famílias em vez de valorizados por sua sabedoria e experiência.

Além de descrever os preconceitos, estigmas e tabus associados ao envelhecimento, o ageísmo compreende também o pânico de envelhecer, extremamente arraigado na cultura brasileira, que faz com que os próprios maduros sejam preconceituosos em relação à velhice. “O ageísmo é internalizado pelos idosos, que aceitam como naturais os tratamentos discriminatórios, desrespeitosos, paternalistas, compassivos ou falsamente positivos que recebem das leis, das instituições sociais, dos serviços públicos e privados, dos meios simbólicos e das redes sociais”, comenta Anita Liberalesso Neri, psicóloga e pesquisadora na área de gerontologia da Universidade Estadual de Campinas, em artigo para a Folha S. Paulo.

É alarmante: o preconceito etário só aumentou. Para Mirian Goldenberg, antropóloga que estuda o envelhecimento há mais de 20 anos no Brasil, “apesar de existir há muito tempo, a pandemia da Covid-19 evidenciou esse tipo de violência já que colocou holofotes nos idosos, considerados como grupo de risco do coronavírus, e os discursos “velhofóbicos” se generalizando nas manchetes dos jornais, nos memes do WhatsApp e discursos de famosos”, disse em entrevista à BBC Brasil. E não é só isso. O surto de ageísmo durante a pandemia da Covid-19 ainda acentua a divisão entre jovens e velhos, colocando a culpa nos maduros pela oneração dos planos de saúde e pela falta de recursos para o atendimento e tratamento aos mais novos, reforça Neri.

O DUPLO PRECONCEITO NA VELHICE

Há quem vivencie um duplo problema todos os dias: os velhos negros, indígenas, PcDs – pessoas com deficiência – e LGBTQIA+. Chamado de duplo preconceito, o ageísmo, somado ao capacitismo, sexismo ou racismo, ainda é pouco pesquisado e pouco discutido pelo mundo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, apesar de representarem 48% da população idosa brasileira – mais de 3 milhões de pessoas maduras pretas e 12,5 milhões de idosos pardos –, ainda são invisíveis, inclusive nos serviços de saúde. “Chegar ao envelhecimento sendo negro é uma conquista. Os serviços de saúde não estão preparados para atender esse grupo. Doenças evitáveis e tratáveis matam poucos idosos brancos, enquanto pretos e pardos morrem mais cedo por essas mesmas condições. Alguns remédios

fazem efeito em brancos, mas não funcionam tão bem para negros, mas isso não é levado em consideração”, diz Alexandre da Silva, doutor em saúde pública e gerontologia pela USP, em entrevista para Metrópoles. Outro desafio vive a população LGBTQIA+, que já soma 3,1 milhões de brasileiros 60+ e vive a volta para o armário. Depois de lutarem arduamente por direitos e serem aceitos na sociedade, ao envelhecer, esses indivíduos precisam se calar: há residências que não os aceitam, famílias que os abandonam e serviços públicos que não os entendem.



OS 60+ ESTÃO SENDO TRIPLAMENTE AFETADOS PELA PANDEMIA DA COVID-19

76% DOS ÓBITOS DA COVID-19 SÃO DE 60+, o que já levou a uma redução do tempo médio de vida em 1,4 ano no Brasil.

É o grupo que mais sofre por falta de trabalho: **mais de 1,3 milhão de pessoas com 60 anos ou mais deixaram de trabalhar ou de procurar um emprego, representando 64% dos desempregados brasileiros.**

O preconceito etário aumentou: entre janeiro e junho de 2020, o Ministério Público do Trabalho (MPT) registrou 1.288 procedimentos em curso cuja denúncia é de discriminação por idade. Em 2019, foram 1.253.

Fonte: Ana Amélia Camarano e BBC Brasil

CASES!

CONHEÇA ALGUMAS INICIATIVAS
PELO MUNDO DE COMBATE AO AGEÍSMO



#ORGULHOSESSENTAMAI

SÃO PAULO, BRASIL

Em dezembro de 2020, o Metrô de São Paulo ganhou novas cores e, em conjunto com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania e USP60+, criou a campanha #OrgulhoSes-sentaMais em combate ao ageísmo. Nas estações de trens do metrô foram implementados avisos sonoros, televisores nas plataformas com dramatizações do grupo T3rceiro Ato visando evidenciar situações diversas e cotidianas de discriminação com base na idade e ampla divulgação nas redes sociais, promovendo a autoestima dos paulistanos 60+.

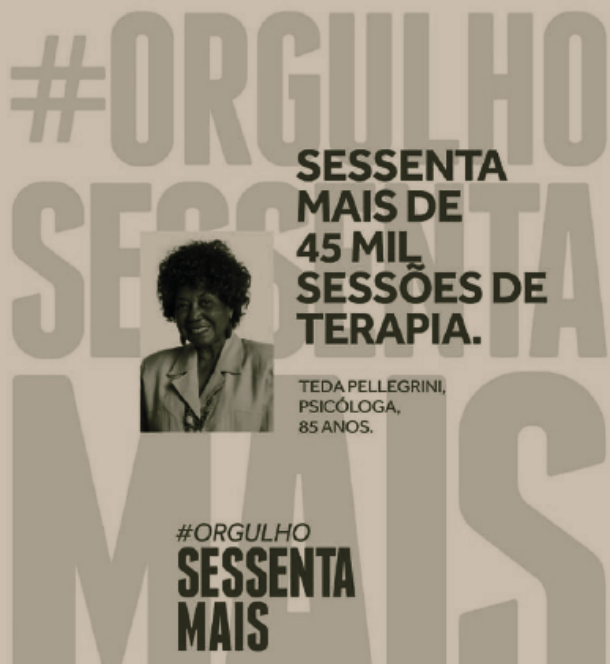


Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



END AGEISM

SÃO FRANCISCO, ESTADOS UNIDOS

endageism.com

Com o objetivo de transformar a cidade em um espaço amigo de todas as idades e para todos, sem distinção de capacidade, a campanha End Ageism é um esforço colaborativo realizado em 2020, uma parceria entre o Departamento de Envelhecimento e Serviços Adultos da Prefeitura de São Francisco, a Metta Fund e várias outras organizações sociais. Para disseminar um novo olhar sobre os mais velhos, a iniciativa traz à tona estereótipos negativos implícitos, promove conexões intergeracionais e acesso aos recursos destinados ao envelhecimento na cidade.



ANTIAGEÍSMO NO MERCADO DE TRABALHO

TORONTO, CANADÁ

www.toronto.ca/community-people/get-involved/community/toronto-for-all/anti-ageism-in-the-workplace/

Toronto, com o objetivo de erradicar qualquer tipo de preconceito etário na cidade, ensinando os cidadãos a identificar, questionar e promover reflexão sobre ageísmo no mercado de trabalho; além de propostas de valorização e inclusão de profissionais maduros, com apoio de material educativo e dicas práticas.



Foto: Reprodução

NO FORRÓ DA TERCEIRA IDADE, VELHO NÃO ENTRA



Foto: Dra. Karla Giacomini
Arquivo Pessoal

“O preconceito com a velhice é latente, potente e onipresente.”

Dra. Karla Giacomini,
vice-presidente do Centro de
Longevidade Internacional (ILC) e
ativista do envelhecimento

É URGENTE CONSIDERARMOS AS NECESSIDADES DOS MAIS VELHOS, EM SUA DIVERSIDADE, NA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.

Para a dra. Karla Giacomini, geriatra, vice-presidente do Centro de Longevidade Internacional - Brasil (ILC-Brasil) e ativista do envelhecimento, a invisibilidade do processo do envelhecimento e dos direitos relacionados à velhice prejudica imensamente a inclusão do tema nas pautas das políticas públicas. “É sempre a pauta que não chega, que não dá tempo de ser discutida e, por consequência, nunca é prevista no orçamento. Nossa sociedade continua negando o envelhecimento como possibilidade e, por isso, não fala nele”, conta a doutora em entrevista exclusiva ao FDC Longevidade. Mas não dá para desviar do assunto, ele precisa ser debatido, e já: a velhice é construída durante toda a vida e requer um

investimento contínuo das políticas públicas, que impactam diretamente nas condições a que se chega e em que se vive o envelhecimento.

Para Giacomini, que também participa do comitê da Organização Mundial de Saúde (OMS) para políticas públicas de cuidado de longo prazo, outra face do idadismo é a tirania do envelhecer bem. “O envelhecimento saudável deve ser trabalhado como premissa, mas não podemos vender essa ideia da autonomia a qualquer preço. Há velhos que precisam de cuidado e devem viver com dignidade, com políticas públicas que os apoiem e não só dependam da família para suprir esse cuidado”. Um exemplo do chamado familismo na velhice é que a Constituição, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso determinam que uma pessoa idosa só possa ir morar em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) – um nome mais amigável para os antigos asilos ou as casas de repouso –, no caso de se esgotarem todas as outras possibilidades de cuidado, que só existem no papel, e de fortalecimento de vínculos familiares, que, às vezes, não mais existem. Ao necessitar de um apoio no cuidado de um idoso frágil, o Estado se mantém omissa, e a sociedade distanciada.

“O Brasil se preocupa com as crianças, pois elas são vistas como o futuro do país, mas lida com a velhice como se não fosse um problema seu.”

Em suas pesquisas em Bambuí, pequena cidade do interior de Minas Gerais, a dra. Karla Giacomini descobriu que os velhos de lá envelhecem com dois medos: o de não dar conta e o de dar trabalho. “Com o Estado que temos, acredito que só vamos resolver o desafio do cuidado com jovens que se sintam privilegiados em cuidar dos mais velhos e velhos que se sintam bem e permitam ser cuidados pelos mais jovens”. A intergeracionalidade e a vontade de transformar a velhice em

uma perspectiva desejável são sonhos da doutora, que vibra ao pensar em um Brasil que ressignifica e valoriza o envelhecimento. “Uma vez achei graça na placa da festa que dizia: no forró da terceira idade, velho não entra. Ou seja, só 60+ ativos e saudáveis podiam participar. O Brasil que eu quero e trabalho para ver se tornar realidade é aquele em que todos os idosos, indiferente da condição física ou cognitiva, sejam bem-vindos no forró da terceira idade”, finaliza Giacomini.

MARCOS LEGAIS E REGULATÓRIOS PARA OS 60+

CONHEÇA QUAIS SÃO AS LEIS E POLÍTICAS QUE APOIAM OS MADUROS NO BRASIL:

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

lei fundamental e suprema do Estado que declara todos os direitos e deveres dos cidadãos, independentemente da idade. Vale ressaltar que o legislador constituinte inovou ao estabelecer direitos à pessoa idosa, até então não previstos em outro texto constitucional.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO

sancionada em 4 de janeiro de 1994 e regulamentada em 1996, a PNI assegura os direitos

sociais e o amplo amparo legal ao idoso, estabelecendo as condições para promover sua integração, autonomia e participação efetiva na sociedade. Objetiva atender às necessidades básicas da população idosa no tocante à educação, saúde, habitação e ao urbanismo, esporte, trabalho, à assistência social e previdência, justiça.

ESTATUTO DO IDOSO

lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, regulamenta os direitos assegurados a todos os cidadãos a partir dos 60 anos de idade, estabelecendo também deveres e medidas de punição. É a forma legal de maior potencial da perspectiva de proteção e regulamentação dos direitos da pessoa idosa.

Fonte: Políticas públicas para a pessoa idosa: marcos legais e regulatórios



O movimento GLOBAL CONTRA O AGEÍSMO

A INCANSÁVEL E ARTICULADA ASHTON APPLEWHITE QUER ERRADICAR O PRECONCEITO ETÁRIO.

LINKS

Old School: oldschool.info

TED: youtu.be/WfjzkO6_DEI

Quando Ashton Applewhite fez 55 anos, lá em 2008, ela decidiu pintar o cabelo de branco, na contramão de várias outras mulheres que mensalmente têm hora marcada no salão para esconder os tais fios grisalhos. Seu objetivo era mostrar que sim, ter cabelos brancos poderia ser *cool* e *sexy* – quase prevendo o que em 2020 virou moda e ganhou as capas de revistas com a cabeleira de várias brasileiras famosas como Glória Pires, Sônia Braga e Astrid Fontenelle. Para Applewhite, o desejo de ter a cabeça branca naquele momento era confrontar o ageísmo internalizado, que ela ainda via em seus colegas de trabalho, amigos e familiares ao tomar a simples decisão de chocar o *status quo* que ainda diz que assumir os brancos é desleixo.

Passados oito anos desse episódio, Applewhite lançou o livro-manifesto *This Chair Rocks*, que explica de onde vem o preconceito etário – na história da sociedade e nas nossas próprias vidas – examinando mitos, estereótipos e como isso impacta desde o mercado de trabalho até o que vivemos dentro de casa. O livro foi

um sucesso, se tornando um dos pontos de partida para quem quer se aventurar nos estudos da longevidade, e, em 2017, virou palestra do TED alcançando quase 2 milhões de visualizações. De lá pra cá, Ashton decidiu virar uma ativista *fulltime* contra o ageísmo e, no começo de 2021, aos 68 anos de idade, lançou uma campanha global que promete ser o grande acelerador de uma mudança estrutural em relação a como vemos a velhice. “No Old School você encontra ferramentas on-line, livros, blogs e artigos, campanhas, podcasts, palestras, vídeos e organizações pelo mundo que estão lutando contra o ageísmo. Sei que causar uma mudança social é um trabalho lento, nada glamoroso, mas estamos dispostos a ir até o fim”, diz Applewhite, em entrevista para a revista digital Next Avenue.

“O preconceito etário precisa ser considerado tão inaceitável quanto o racismo e o machismo.”

Ashton Applewhite, escritora e ativista



Foto: Ashton Applewhite
Créditos: David Levane /
The Guardian

É Hora de Preparar o mundo para o envelhecimento

“Devemos construir uma sociedade na qual os laços sociais sejam fortalecidos, não só entre as pessoas, mas também entre as gerações, uma sociedade que reúna os cidadãos e que recuse o isolamento dos indivíduos. Todos e cada um de nós devemos ter a oportunidade de viver livremente seu projeto de vida ao longo de nossa trajetória até a velhice.”

François Rebsamen

ex-ministro de Assuntos
Sociais da França

CRESCE O NÚMERO DE CIDADÃOS ACIMA DOS 60 ANOS NAS ZONAS URBANAS, E GOVERNANTES PRECISAM LEVAR EM CONTA NECESSIDADES E DESEJOS DA POPULAÇÃO PRATEADA.

O envelhecimento da população e a urbanização são o resultado de um árduo trabalho humano do último século. Mas também são considerados dois dos quatro maiores desafios dos próximos anos, de acordo com a Organização das Nações Unidas – os demais sendo crescimento populacional e imigração. Ao contrário do imaginário coletivo que sonha em ir morar no interior após se aposentar, a realidade hoje é outra: nossos velhos são urbanos, e cada vez mais veremos cabeças brancas pelas ruas, lojas, pelos parques e metrô.

NOS PAÍSES em desenvolvimento, **o número de cidadãos 60+ irá crescer 16 vezes até 2050**. Nesse ano, os maduros representarão um quarto de toda a população urbana desses lugares.

Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS)

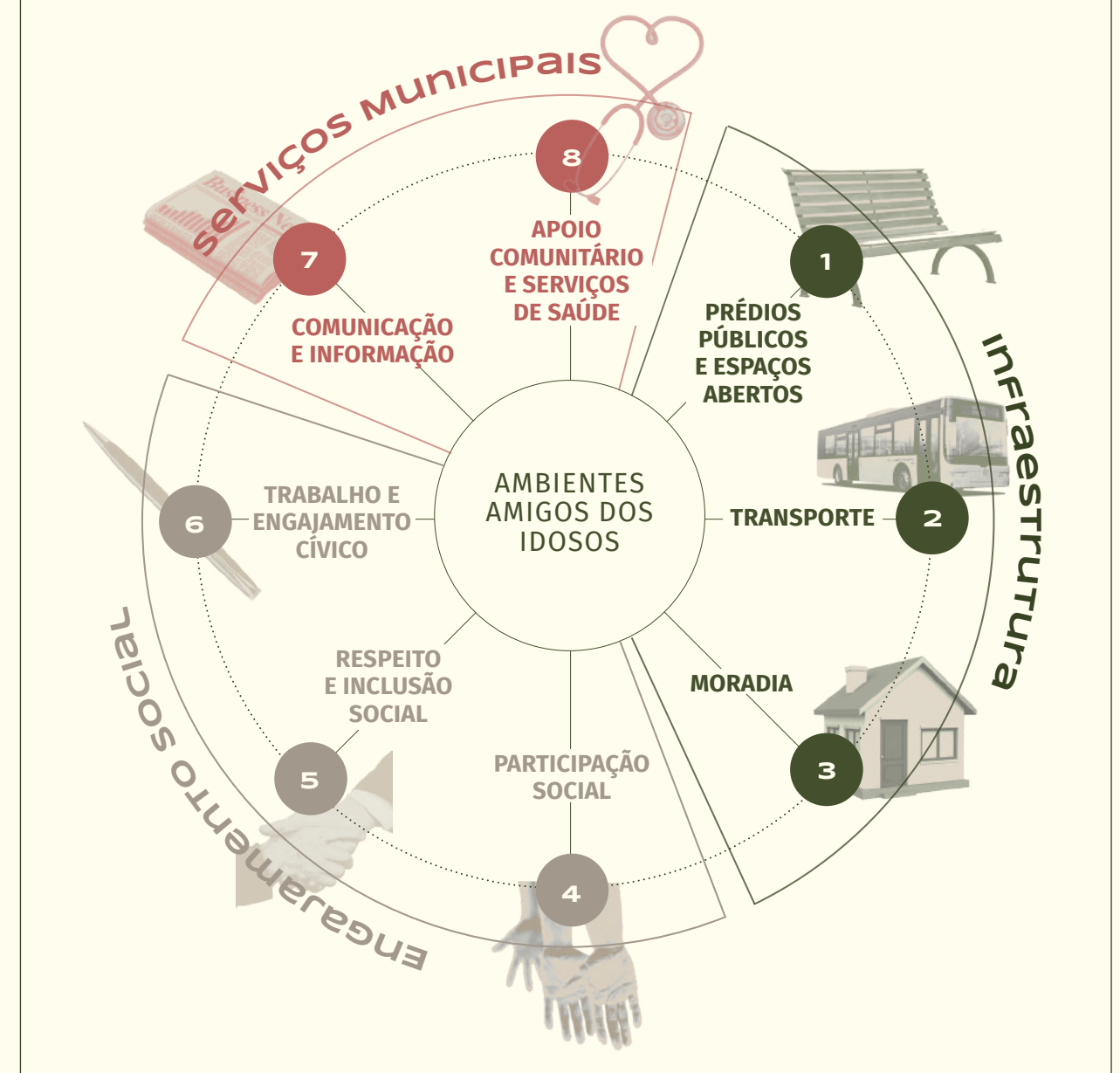


Para ajudar governos e países a criar as chamadas comunidades “age-friendly” – termo traduzido para o português como sociedades amigas dos idosos –, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou um guia com diretrizes de como transformar cidades em espaços onde pessoas de todas as idades possam viver de forma saudável e ativa. Esses lugares adaptados proporcionam aos maduros a possibilidade de envelhecer em casa, participando de atividades que gostam e contribuindo para suas comunidades, até o fim. Após fazer uma profunda pesquisa em 35 cidades pelo mundo e travar conversas em profundidade com quase 1.500 pessoas acima de 60 anos, a OMS conseguiu destacar oito áreas que devem ser consideradas para o desenvolvimento de uma cidade amiga de todas as idades. São elas: transporte; moradia; participação social; respei-

to e inclusão; trabalho e engajamento cívico; comunicação e informação; apoio comunitário e serviços de saúde; e prédios públicos e espaços abertos. Você vai conhecer mais detalhes sobre esses temas nas páginas deste estudo.

Especialmente no tema habitação e participação, uma moradia adequada e um papel social na comunidade são aspectos muito importantes em uma cidade que acolhe e valoriza a população envelhecida. De acordo com a American Association of Retired Persons (AARP), 9 em cada 10 americanos desejam envelhecer em seu próprio lar. Esse é um comportamento que se repete também fora dos Estados Unidos: no Brasil, por exemplo, esse número é de 7 em cada 10 brasileiros acima de 75 anos, como vimos no estudo Tsunami60+ realizado pelo Hype50+ e Pipe.Social em 2018. Esse movimento é tão forte que virou conceito: o chamado Aging in Place, que significa a capacidade de envelhecer em casa com segurança, autonomia e conforto, independentemente da idade ou renda. Hoje, há pelo mundo associações, ativistas e empresas que ajudam as pessoas

GUIA PARA as CIDADES



a transformar seu lar em um *forever home* – uma casa que envelhece com você.

No Japão de 2021 – que está aflito em atender as necessidades de mais de um terço de sua população madura –, o conceito da vez é o chamado *Thriving in Community*, que traz a ideia da

importância de ultrapassar os portões de casa e integrar a comunidade – vizinhos, comerciantes e profissionais locais – no cuidado e apoio ao envelhecimento saudável de seus 60+. Ainda em fase de implementação no país, as medidas envolvem a criação de espaços intergeracionais para atividades sociais nos bairros, programas de visitas e companhia e saúde preventiva para todos. Ainda não há um consenso global de como e quando adaptar as cidades e os países para o envelhecimento, mas uma coisa é certa: precisamos começar já!

MEU Bairro, MINHA VIDA

87% DOS INGLESES 65+ declaram conversar regularmente com seus vizinhos e 7 em cada 10 setentões se sentem mais conectados hoje à sua vizinhança do que na era Pré-COVID-19.

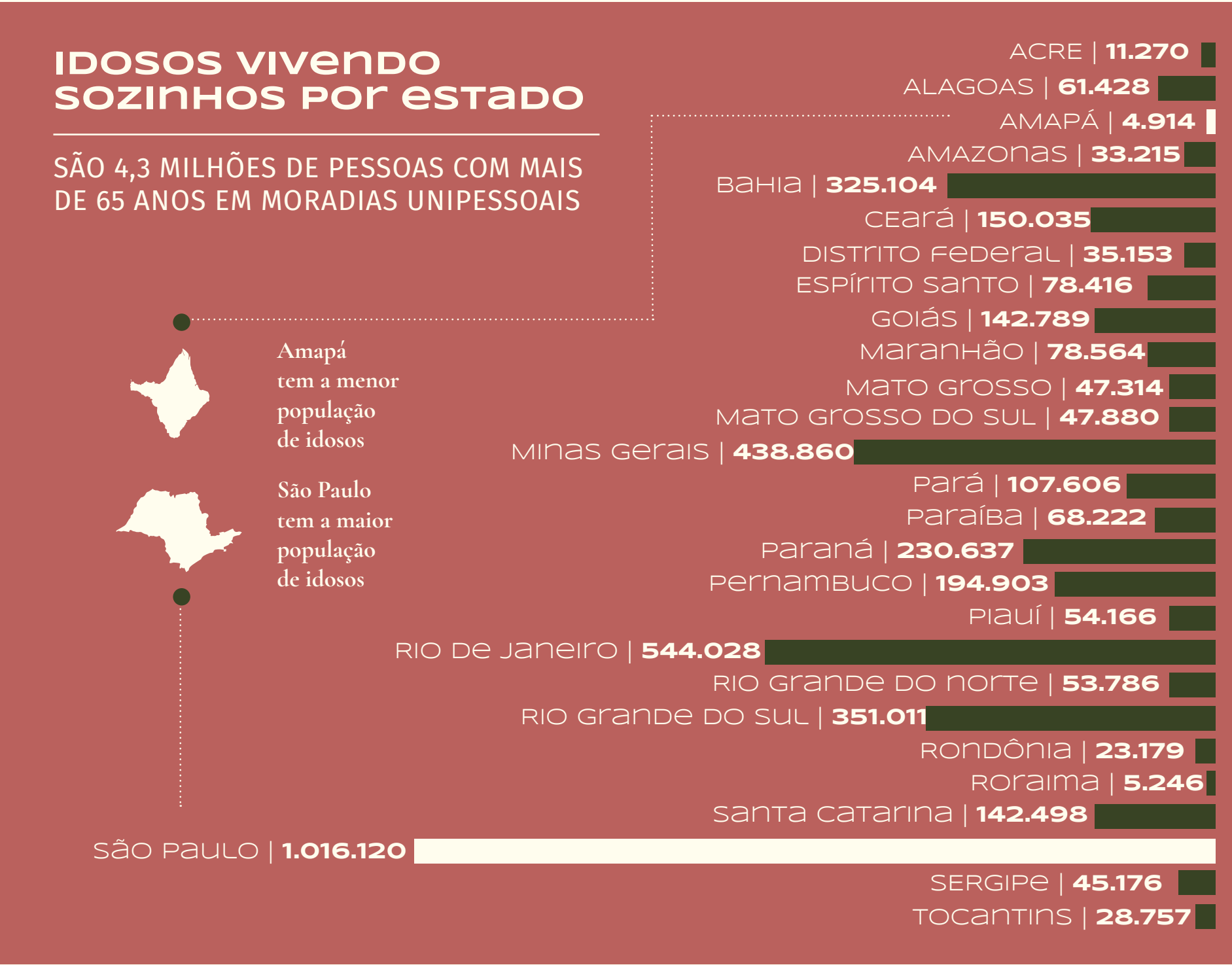
Fonte: The Ageing Better NetCen Panel Homes and Communities Study 2020



Um alerta: cada vez mais sozinhos

No Brasil, já são mais de 4 milhões de 60+ que vivem sozinhos, segundo dados do IBGE de 2020. Os números são preocupantes: dos mais de 1,8 milhão de idosos

da cidade de São Paulo, 290.771 (16%) vivem sozinhos, sendo 22.680 deles com 90 anos ou mais. Desses, mais de 8 mil, por diferentes razões, não têm a quem pedir ajuda caso precisem e não contam com uma rede de suporte social ativa e eficiente.



Fonte: levantamento feito pelo G1 em dados da PNAD/IBGE de 2019



Foto:
Pexels.com

Países adaptados

“As pessoas estão vivendo mais e com mais saúde – e isso deve ser uma boa notícia para as pessoas e para a economia. A meta é projetar políticas para maximizar o número de pessoas de todas as idades que se beneficiam desse efeito da longevidade enquanto buscam aumentar a produtividade por uma vida mais longa.”

ANDREW SCOTT

Professor da London Business School e autor do livro *The 100-Year Life: Living and Working in an Age of Longevity*

ENVELHECER É UMA QUESTÃO PÚBLICA. AO REDOR DO MUNDO, GOVERNOS TÊM CRIADO NOVOS CAMINHOS DE CONVIVÊNCIA E BEM-ESTAR PARA SE ADAPTAREM À ATUAL E CRESCENTE MUDANÇA NA PIRÂMIDE ETÁRIA.

Conhecer a realidade de outros países é como uma viagem no tempo – para o passado ou para o futuro, dependendo do que buscamos. Quando compreendemos a resposta de países mais velhos à longevidade de sua população, encontramos também alternativas para o Brasil que, neste exato momento, envelhece.

Até 2030, a nação com maior expectativa de vida é a Coreia do Sul, seguida da França e do Japão. Apesar de não ser um dos 10 países mais velhos do mundo, nosso país já vive sua transição etária, em ritmo acelerado, com uma janela de oportunidade única para aprender com as políticas públicas de outros países que nos ensinam sobre os desafios demográficos do Brasil de 2030.

conheça algumas dessas iniciativas pelo mundo:

CANADÁ

O governo canadense gastou, desde 2014, mais de US\$ 1 bilhão de dólares em diferentes programas de apoio aos maduros. Por meio do Service Canada, cidadãos seniores têm acesso à informação sobre diferentes programas federais e, no site Canada.ca/Seniors, os canadenses podem consultar os serviços oferecidos pelo governo. No que diz respeito à reinserção dos seniores no mercado de trabalho, o programa Targeted Initiative for Older Workers, por exemplo, ajuda pessoas com 55 a 64 anos a desenvolver novas habilidades e encontrar empregos por meio, por exemplo, do trabalho de organizações sem fins lucrativos como a Third Quarter Initiative.

URUGUAI

Considerado um dos melhores sistemas previdenciários da América Latina, a previdência social uruguaia conquistou sustentabilidade até pelo menos 2040. Segundo o ministro do trabalho, Ernesto Murro, pela primeira vez na história do país, são 15 anos seguidos de aumento de aposentadorias e pensões, superando o aumento dos preços de consumo. No país, o direito à seguridade social é tido como um direito humano fundamental. Há um Seguro Nacional de Saúde que engloba todos os trabalhadores, sejam eles do setor público ou privado, além dos aposentados e pensionistas. O segurado tem a possibilidade de escolher a instituição prestadora dos serviços de saúde, e a Junta Nacional de Saúde paga ao cidadão a taxa, que é financiada por meio de contribuições feitas pelos empregados e pelo trabalhador.

SINGAPURA

Cerca de 12 mil empresas de Singapura adotaram práticas de RH que progressivamente favorecem o avançar da idade, beneficiando mais de 300 mil funcionários 50+, de acordo com o Ministério do Trabalho do país. Algumas das medidas adotadas incluem redesenho de tarefas, jornada de trabalho flexível e programas de bem-estar. Segundo a revista Human Resources Director Asia, isso foi possível por meio da iniciativa do governo WorkPro Redesign Grant, que ficou ativa até abril de 2020 e ofereceu subsídio para que as empresas melhorassem seus processos a fim de construir um ambiente de trabalho mais inclusivo.

JAPÃO

O contexto japonês é de decréscimo populacional combinado a uma maior expectativa de vida. Em 2016, pessoas com 60 anos ou mais já ocupavam 11,8% da força de trabalho. Contudo, muitos desses profissionais são contratados em postos irregulares, o que significa que seus pagamentos passam a ser reduzidos de 50% a 70%. Por isso, o governo criou uma ementa para que houvesse uma maior estabilização na contratação de seniores, incentivando a abolição do sistema de aposentadoria obrigatória, o aumento da idade para que isso aconteça ou a introdução de um sistema de recontração de funcionários, de modo a diminuir o buraco deixado entre trabalhadores elegíveis para receber a pensão de senioridade aos 65.

CHINA

Em 2019, a China já contava com mais de 173 mil instituições de cuidados à população sênior, sendo que 140 mil delas são comunitárias. Com a previsão de que, até 2050, 40% do país tenha mais de 60 anos, a China aumentou, desde 2018, o valor básico da aposentadoria de trabalhadores que passaram por empresas privadas, agências governamentais e instituições públicas por 15 anos consecutivos. Além disso, também, contribuiu com fundos para os residenciais para idosos, bem como facilitou que investidores estrangeiros contribuíssem com essas instituições. Diante disso, é esperado que a indústria de cuidados aos seniores alcance um valor de 7,7 trilhões de yuans em 2020 e 22,3 trilhões até 2030, conforme estimativas do Qianzhan Industry Research Institute.



Foto:
Pexels.com

CIDADES Para TODOS

“Uma cidade amiga do idoso depende do engajamento de todos: poder público, sociedade civil organizada, setor privado, academia, mídia e cada indivíduo. Todos envelhecem e se beneficiam de um ambiente amigo do idoso – hoje e amanhã.”

Ina VOELCKER

Gerontóloga e membro do conselho do Centro Internacional de Longevidade (ILC-Brazil) para Folha de S. Paulo

SE AS PESSOAS MUDARAM, O CENÁRIO TAMBÉM DEVE MUDAR. CIDADES PELO MUNDO TÊM CORRIDO CONTRA O TEMPO PARA SE ADAPTAR ÀS NOVAS NECESSIDADES DA POPULAÇÃO QUE ENVELHECE.

Em 2007, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou o Programa Global Cidade Amiga do Idoso que, mais tarde, criou uma rede global formada por cidades comprometidas com os princípios do Envelhecimento Ativo. Na época, o projeto foi liderado pelo médico brasileiro Alexandre Kalache, que você conheceu no início deste estudo, e que organizou um guia que propõe a revisão de oito aspectos da vida urbana pela perspectiva da longevidade, como você pode ver abaixo. Representando o Brasil, as cidades de Porto Alegre, Esteio e Veranópolis, no Rio Grande do Sul, e Pato Branco, no Paraná, fazem parte do programa.

CENÁRIOS:



1 PRÉDIOS PÚBLICOS e ESPAÇOS ABERTOS

esse aspecto leva em conta ambientes verdes, espaços seguros, limpos e agradáveis, mas também considera a condição das calçadas, a acessibilidade, segurança nos cruzamentos e o uso de elevadores ou rampas para acesso aos lugares.



2 TRANSPORTE

muitos maduros só podem se locomover pela cidade usando o sistema público de transporte. Por isso, além do custo, da frequência e disponibilidade, um sistema amigável aos 60+ tem assentos reservados, treinamento de motoristas e veículos adaptados.



3 MORADIA

se o aluguel consome quase toda a aposentadoria, não é possível que o aposentado continue vivendo nessa casa. Especialmente se a casa é maior do que a sua necessidade, criando desafios de modificações e manutenção que permitam que essa pessoa “envelheça em casa”, termo conhecido como Aging in Place.



4 PARTICIPAÇÃO SOCIAL

uma cidade com agenda cultural que permita o encontro e a troca entre diferentes gerações diminui o isolamento da população mais velha. Mais do que isso, o local promove conexão entre toda a comunidade, melhorando o cuidado e o bem-estar.



5 RESPEITO e INCLUSÃO SOCIAL

existe uma diferença em uma cidade na qual os mais velhos são tratados com gentileza ou são vistos como alguém cuja data de validade expirou. Cidades comprometidas com esse princípio oferecem serviços inclusivos, trabalham a imagem pública do envelhecimento e, principalmente, garantem inclusão econômica e comunitária.



6 TRABALHO e ENGAJAMENTO CÍVICO

seja o trabalho remunerado, voluntário ou o empreendedorismo, uma cidade que oferece oportunidades aos mais velhos promove também a inclusão, formação e acessibilidade para que eles sejam capazes de se manter no mercado de trabalho.



7 COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

reconhecendo que essa é uma das populações mais propensas a espalhar *fake news*, os princípios de comunicação prezam pela clareza, objetividade e pelo fluxo correto de informações, por canais digitais ou de mídia.



8 APOIO COMUNITÁRIO E SERVIÇOS DE SAÚDE

além da oferta dos serviços de saúde, esse pilar considera a disponibilidade de “*home care*” em que cuidadores visitam os idosos para acompanhamento de tratamentos ou *check-ups* recorrentes.

Além dos indicadores avaliados pela OMS, o Instituto de Longevidade Mongeral Aegon, em parceria com a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP), criou, em 2017, o Índice de Desenvolvimento Urbano para Longevidade (IDL). Por meio dele, quase 900 cidades pelo Brasil são avaliadas, revelando quais são os melhores lugares para quem quer viver mais e melhor, baseado em sete variáveis: indicadores gerais, cuidados de saúde, bem-estar, finanças, habitação, educação e trabalho, e cultura e engajamento. Em 2020, o IDL revelou que São Caetano do Sul, no Estado de São Paulo, ocupa hoje o primeiro lugar do ranking, seguida de Santos, Porto Alegre, São Paulo e Florianópolis.

Porém, esses não são os únicos exemplos. Conforme a taxa de natalidade diminui e a longevidade cresce, governos têm repensado modelos como, por exemplo, os de aposentadoria. Mais do que reforçar a dicotomia entre público e privado, os países estão buscando soluções híbridas para as demandas da crescente população 60+, como mostramos a seguir.

PORTO ALEGRE: a PRIMEIRA CIDADE AMIGA DO IDOSO DO BRASIL

Em 2015, Porto Alegre foi reconhecida pelo selo da OMS de Cidade Amiga do Idoso, sendo a primeira do Brasil e a terceira da América Latina a se qualificar para tal reconhecimento. A capital gaúcha é considerada a cidade brasileira com maior representatividade

AS MELHORES CIDADES BRASILEIRAS PARA SE VIVER DEPOIS DOS 60 ANOS:

LONGEVIDADE:
São Caetano do Sul (SP)

Bem-estar:
São Caetano do Sul (SP)

Finanças:
São Paulo (SP)

HABITAÇÃO:
Atibaia (SP)

**EDUCAÇÃO
e TRABALHO:**
Birigui (SP)

CULTURA e engajamento:
Caraguatatuba (SP)

QUALIDADE DE VIDA:
Brusque (SC)

CUIDADOS DE SAÚDE:
Campo Largo (PR)

Fonte: IDL 2020 / Instituto de Longevidade Mongeral Aegon e Fundação Getúlio Vargas

de maduros do país. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tinha, em 2020, mais de 20% da sua população formada por 60+ – número maior que adolescentes até 14 anos de idade.

Além de seu Conselho Municipal do Idoso, que conta com toda a sociedade para a tomada de decisão pública, e de ter criado o próprio Fundo do Idoso ainda em 2011, a prefeitura também desenha políticas públicas

que promovem o bem-estar dos maduros de formas alternativas. Uma dessas iniciativas incentiva as relações intergeracionais ao levar alunos de escolas públicas às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) da cidade para trocas com os idosos residentes. Dessa forma, além de responder à necessidade crescente da população com mais seniores do Brasil, Porto Alegre torna-se referência para que outras cidades brasileiras sigam o mesmo caminho.

INICIATIVAS PRATEADAS nas CIDADES PARA VOCÊ CONHECER:

+ CHATBOT ELLA

SINGAPURA | business.facebook.com/sgredcross/

Em parceria com KRDS Singapore e MullenLowe Singapore, a Cruz Vermelha de Singapura desenvolveu Ella. O *chatbot* envia mensagens diárias para checar se os usuários estão com os remédios em dia, boa disposição e humor, entre outras informações. Se o usuário responde que não está bem, Ella manda um e-mail para alertar a Cruz Vermelha.

+ NYC DEPARTMENT FOR THE AGING

NOVA YORK | www1.nyc.gov/site/dfta/index.page

Desde março de 2020, o Departamento de Longevidade de Nova York já realizou mais de 2,7 milhões de ligações para garantir o bem-estar e a saúde

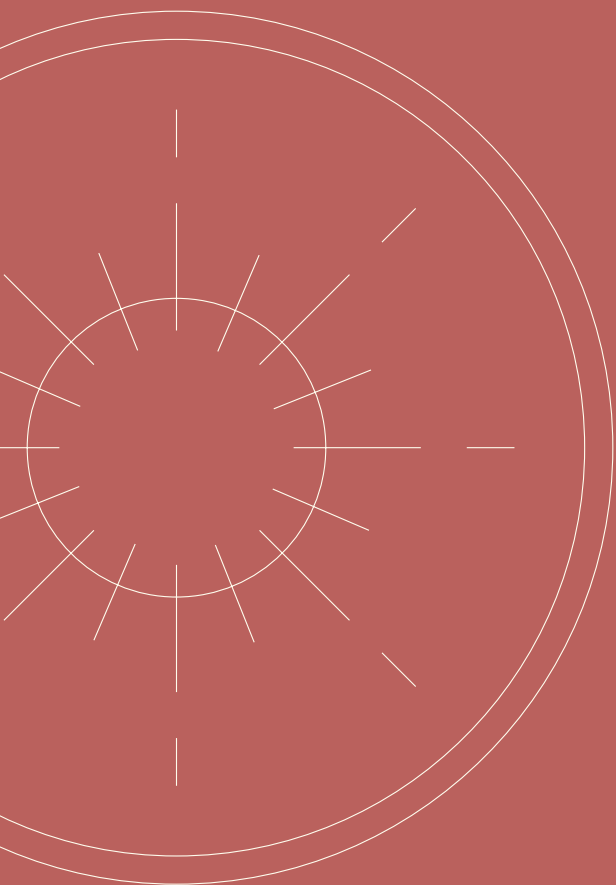
mental de mais de 180.000 maduros da cidade. As ligações ajudaram os nova-iorquinos 60+ a se manter conectados, engajados socialmente, alimentados e informados sobre medidas de segurança durante a pandemia da Covid-19.

+ Ørestad

COPENHAGUE | bit.ly/36EuEZ4

O distrito em desenvolvimento na região de Copenhague, na Dinamarca, possui prédios residenciais que contam com uma arquitetura adaptada para moradores seniores muito diferente do modelo tradicional de casas de repouso, com um design bem moderno e arrojado. Subsidiado pelo município, o distrito possui espaços públicos flexíveis, cafés, salões de beleza e dentistas disponíveis para o público.

CASAS INTELIGENTES PARA OS 60+



AS TECNOLOGIAS QUE AJUDAM O DIA
A DIA EM CASA FAZEM SENTIDO SE SÃO:
RELEVANTES, INTUITIVAS E TRAZEM
INDEPENDÊNCIA.

Por Flavia Ranieri*

Quando falamos de casas inteligentes, imediatamente somos jogados em um futuro de coisas impossíveis, inalcançáveis. Quando se fala da geração mais longeva usando a tecnologia, então, muito preconceito aparece. É verdade que muitos ainda não têm acesso à internet ou, se o têm, não desenvolveram competências para navegar ou aproveitar ao máximo suas facilidades.

Muitas *startups* e muitos grupos de voluntariado têm trabalhado fortemente na questão da inclusão digital para ensinar aos maduros a tirar o melhor proveito de um equipamento que eles já possuem nas mãos: o celular.

Em uma pesquisa realizada pela AARP, *2020 Tech and the 50+ survey*, temos gratas surpresas. Muitas das tendências apontadas para os americanos maduros já podem ser vistas na prática aqui no Brasil. **Enquanto os mais jovens estão abandonando os *tablets* e se concentrando em atividades realizadas no celular, os acima de 60 anos têm feito o caminho inverso, adotando cada vez mais os *tablets*.** E como casas inteli-

gentes entram nisso? As chamadas *Smart Home Technology* — ou tecnologias para casas inteligentes ou conectadas em português — que, em 2017, não eram usadas pela faixa acima dos 50 anos, em 2020, já são adotadas por 17% dessa população.

A mudança nas soluções também pode ser uma explicação para esse aumento. Enquanto a automação era usada anteriormente por questões estéticas ou simplesmente *status*, hoje ela traz soluções que ajudam efetivamente nas atividades diárias da vida dos longevos. De acordo com Thomas e Marcia Harrington, que escreveram a obra *Gerontechnology: Why and How*, esse é o fator fundamental para garantir o sucesso do uso de uma tecnologia por parte dos maduros. Ela precisa ser relevante, intuitiva, trazer um ganho real, trazer independência, pois, caso contrário, será prontamente abandonada.

A seguir, destaco algumas áreas e alguns exemplos nos quais a tecnologia em casa pode colaborar para a vida dos 60+:

1

PREVENÇÃO

Quanto menos invasivo e mais respeito à privacidade das pessoas, melhor. Podemos utilizar botões de emergência em locais estratégicos a serem acionados em caso de mal-estar e queda, unindo câmeras, home assistants e sistemas de automação. Uma solução que apresentamos na última Maratona Digital da Longevidade, em outubro de 2020, foi a malha flexível com sensores instalada sob o piso existente. Ela detecta quedas e aciona automaticamente luzes e avisos conforme caminhamos pela casa. O melhor é que ela não depende da ação do usuário, então, caso ele perca a consciência, a tecnologia continua agindo a seu favor.

2

AUMENTAR A PERFORMANCE EM ATIVIDADES EXISTENTES OU NOVAS:

Cursos novos, reuniões, participação social e lazer. A tecnologia nos ajuda a manter e até expandir essas atividades. Um projetor de vídeo que transforma qualquer superfície em uma tela de toque, estendendo as atividades do *tablet* ou computador a outras superfícies, inclusive ampliando-as. Por exemplo, é capaz de transformar uma mesa em piano ou uma parede em tela grande para receber orientações de atividades físicas ou cognitivas.

3

COMPENSAR DÉFICITS NATURAIS DA IDADE:

Lembrando que o que queremos é manter a independência e autonomia, home assistants podem ajudar a nos lembrarmos dos remédios (déficit cognitivo); o sensor de fumaça avisa quando a co-

mida queima (déficit olfativo); a campanha pode tocar em seu celular (déficit auditivo); as luzes podem se ajustar conforme o nível de luminosidade se reduz ao longo do dia (déficit visual); o varal pode subir e descer com o comando de voz (déficit motor). E, mesmo em casos mais graves, como demências, é possível com um sensor de movimento próximo ao armário programar seu home assistant para lembrá-lo dos compromissos e informar a temperatura externa para auxiliá-lo na escolha da roupa. Se quiser uma solução avançada, você ainda pode cadastrar combinações de roupas predefinidas e sugerir para o morador.

4

SUORTE AOS QUE CUIDAM DOS QUE NÃO PODEM MAIS FAZER ISSO POR SI MESMOS:

Auxiliar a quem cuida dos longevos também é ajudá-los! Deixar o morador com sua autonomia e somente avisar à sua rede de apoio em casos de emergência levam a uma sensação de independência e respeito à privacidade pelo usuário. Mas se os déficits estão avançados, soluções práticas pela casa podem ajudar. Camas com colchão articulado ajudam na movimentação constante aos acamados, previnem lesões por pressão e integram-se visualmente com o entorno. Além dos móveis, as escolhas arquitetônicas, como portas e corredores mais largos, permitem que o cuidador ande ao lado do idoso e dê suporte, além de facilitar manobras de cadeiras de rodas e andadores. Por fim, sensores de batimentos cardíacos e controle de sono alertam aos cuidadores quando algo sai da rotina.

Um dos grandes avanços da tecnologia está sendo com o maior uso da **inteligência artificial**. Mais do que certo e errado, ela aprende com os hábitos do usuário e avisa quando algo sai do usual. Isso colabora para que cada um mantenha sua identidade, suas preferências e suas escolhas. Saber o que e por quem seus dados estão sendo monitorados é uma das grandes preocupações dos maduros. Pensar no usuário final e perguntar para ele o que deseja é o começo para recomendar soluções.



FLÁVIA RANIERI

Arquiteta com especialização em Gerontologia pelo Instituto de Ensino e pesquisa do Hospital Albert Einstein, Cofundadora da TUAL e Mys Senior Design.

um alerta

No Brasil, o gap social é ainda maior na velhice, portanto, são urgentes soluções e conteúdo de qualidade gratuito e/ou acessível sobre adaptação de casas para essa grande parcela da população.

conheça iniciativas que estão ajudando famílias a adaptarem suas casas para o envelhecimento:

+ Hackcare

SUÉCIA
hackcare.org

Em novembro de 2020, a empresa sueca de móveis Ikea, em parceria com a Lekker Architects e a organização de Singapura Lien Foundation, desenvolveu o manual gratuito de 240 páginas recheadas de dicas e informações sobre como adaptar a casa para pessoas com demência. As alterações podem ser feitas tanto com produtos da Ikea quanto por projetos simples faça-você-mesmo.

+ Tuai casa

BRASIL
tuai.casa

A startup brasileira Tuai, liderada pela mineira Flavia Ranieri,

começou a oferecer, em dezembro de 2020, uma consultoria on-line com arquitetos especializados para quem quer direcionamentos corretos de como melhorar a casa para o envelhecimento.

+ HomeFit AR

EUA
aarpinnovationlabs.org/
homefit-ar

O aplicativo identifica elementos de design, eletrodomésticos e utensílios como geladeiras, pias e escadas de modo a sugerir mudanças que tornem a casa mais segura, confortável e adaptável às necessidades dos moradores. O aplicativo foi criado pelo AARP Innovation Labs e faz parte das soluções do AARP HomeFit Guide.



NOVOS FORMATOS DE MORADIA PARA OS 60+

A DIVERSIDADE DE RENDA, A CAPACIDADE E OS DESEJOS DOS MADUROS FIZERAM SURGIR NOVOS TIPOS DE MORADIA. CONHEÇA ALGUNS DESSES FORMATOS.

• ILPI : INSTITUIÇÕES DE Longa Permanência Para IDOSOS

os antigos asilos mudaram de nome e de estrutura, hoje há casas, prédios e até sítios com serviços que vão de aulas de dança, games, arteterapia a salão de beleza. Com valores que vão de R\$3.500,00 a mais de R\$15.000,00 mensais, ainda são moradias inacessíveis para a maioria da população brasileira que depende de ILPIs públicas e suas longas filas de espera.

a casa à noite, portanto, se beneficiando do suporte e da segurança para a realização das atividades do cotidiano sem perder o vínculo familiar. Atendendo até 30 idosos em cada unidade, em formatos público e privado, ainda são pouco conhecidos pela população.

• COLIVING OU COHOUSING

com o nome popular de república ou comunidade, diferentes modalidades de moradia compartilhada se tornam uma opção viável e desejada pelos prateados, que se divertem com a ideia de morar com amigos na velhice. Tema central de filmes pelo mundo, são a resposta para uma vida mais econômica, divertida e social.

• CENTROS DIA

bem alinhados ao conceito de Aging in Place, são espaços com atividades e cuidados diurnos, onde os mais velhos passam o dia e voltam para

O que acontece quando o preferencial se torna maioria?

“O desafio para o futuro é garantir que as pessoas em todos os lugares possam envelhecer com segurança e dignidade e que possam continuar a participar da vida social como cidadãos de plenos direitos. Ao mesmo tempo, os direitos dos idosos não devem ser incompatíveis com os de outros grupos, e as relações recíprocas intergeracionais devem ser incentivadas.”

RELATÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS

World Population Ageing 1950-2050,
Population Division

EM UM FUTURO COM MAIS AVÓS DO QUE NETOS, É IMPORTANTE REFLETIR SOBRE OS BENEFÍCIOS PARA OS 60+.

O crescimento da população 60+ vem acompanhado de uma transformação tão profunda de identidade etária que nos leva de volta à pergunta fundamental: o que qualifica uma pessoa idosa? Alternativas ao redor do mundo mostram que essa não é uma pergunta de uma resposta só.

Na Itália, desde 2018, são consideradas idosas as pessoas com mais de 75 anos. Já no Brasil, a fila preferencial é garantida para quem passou dos 60, mas a população 80+ tem superprioridade, como já estamos vendo nas filas dos aeroportos, por exemplo. No Japão, no entanto,

o conceito de idoso está mais ligado à capacidade física e mental de um indivíduo do que à idade, e, por lá, não é raro ver um 60+ subindo as inúmeras escadas do metrô para dar seu lugar no elevador preferencial para uma gestante.

Alterar essa definição para acompanhar a transformação da sociedade não é apenas uma atualização de identidade social. Qualquer alteração no conceito de idoso afetaria a vida de milhões de pessoas que hoje são beneficiadas por uma série de direitos garantidos pelo Es-

tatuto do Idoso. No entanto, se nenhuma mudança for feita, no ritmo de crescimento da população, os benefícios podem se tornar insustentáveis em breve, correndo o risco de serem abolidos de vez.



CONFIRA TRÊS PONTOS PARA REFLEXÃO:

1 VISIBILIDADE AOS INVISÍVEIS

Envelhecer é um direito. Em vigor desde janeiro de 2004, o Estatuto do Idoso defende os direitos básicos de cidadania da população que hoje passa dos 60 anos. Além de garantir a proteção jurídica, o Estatuto abre caminho para o envelhecimento digno oferecendo benefícios sociais e preferências relacionados ao transporte, à moradia, mobilidade e ao acesso à saúde. Esses direitos vão além da passagem gratuita de ônibus ou das vagas preferenciais de estacionamento. Pessoas acima de 60 anos têm também direito a:

- Descontos de 50% em eventos culturais como cinema, teatro, museus e lazer.
- Atendimento domiciliar garantido pelo SUS. Um salário-mínimo por mês, caso não consigam se sustentar.

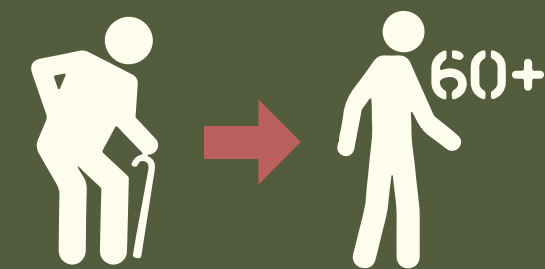
- Medicamentos gratuitos e acesso a tratamentos. Prioridade na restituição do Imposto de Renda, na tramitação de processos judiciais e no desempate de vagas em concursos públicos.

Apesar disso, entre a lei e a vida, o abismo persiste. A lei existe, mas será que é aplicada? Em 2019, o número de denúncias à violência contra idosos, feitas pelo Disque 100, chegou a quase 50 mil, 30% do total, segundo dados do Governo Federal. Na pandemia da Covid-19, os números cresceram de 3 mil, em março, para 17 mil, em maio. Enquanto uma parcela significativa da população 60+ não se vê como idosa, há quem ainda dependa do Estatuto para garantir suas condições de vida mais básicas. Por isso, debates sobre a alteração da lei pedem uma visão alargada sobre os seus efeitos em diferentes realidades sociais.

2 A LEI CORRE PARA ACOMPANHAR

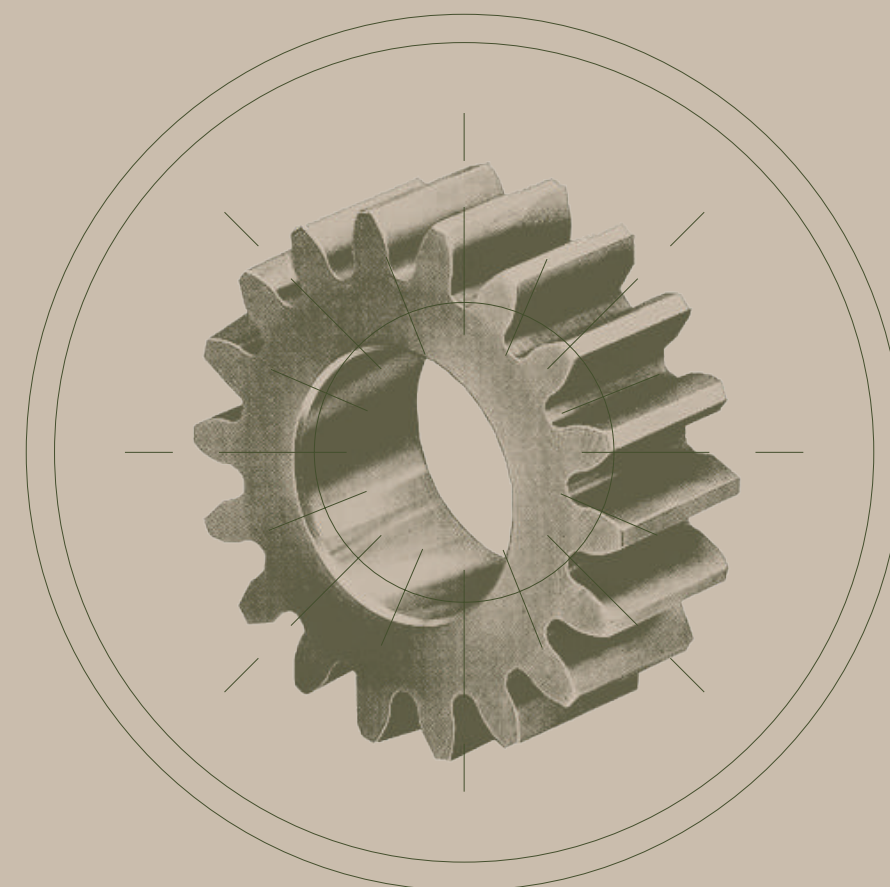
Só em 2018, já existiam 147 projetos de lei no Brasil propondo uma revisão do Estatuto do Idoso. Um deles, por exemplo, pretende mudar a idade mínima de 60 para 65 anos. Nesse mesmo ano, foi oficializado o novo

símbolo do direito preferencial dos maduros em todas as partes do país. Adesivos de corcunda e bengala foram arrancados de ônibus, estacionamentos e supermercados, dando lugar a uma nova cara da maturidade.



3 FILAS PREFERENCIAIS

O que acontece, porém, quando a fila preferencial é a mais longa do banco? Ou quando os 10% de assentos reservados não são suficientes para todos os maduros se sentarem? Em um Brasil com mais avós do que netos, a definição etária, em breve, pode não ser suficiente para garantir todos os direitos. Talvez seja o momento de entender que a resposta para a pergunta fundamental mude com o tempo. O que qualifica uma pessoa idosa é uma questão que evolui na mesma velocidade em que a própria sociedade alarga as fronteiras do que significa envelhecer.



CAPÍTULO 2

TRABALHO e PREVIDÊNCIA X EXTENSÃO DA VIDA

O BÊ-Á-BÁ Da Previdência

“O seguro social e a reforma previdenciária são altamente relevantes. O incentivo a carreiras mais longas, aumentando a idade para a aposentadoria, geraria mais recursos privados para a previdência e mais receitas de imposto de renda para apoiar os governos. É claro que essas reformas políticas não deixam de ser controversas. As políticas que ajudam os que estão entrando no mercado de trabalho a planejar a própria aposentadoria, como a inscrição automática em pensões, também têm um papel”.

DAVID E.
BLOOM,

professor de Economia e Demografia de Harvard e diretor do Programa de Demografia Global do Envelhecimento no Fórum Econômico Mundial, em 2019

A CONTA NÃO FECHA: MECANISMOS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA, NOS QUAIS TRABALHADORES DA ATIVA FINANCIAM OS RECEBIMENTOS DAS PESSOAS QUE ESTÃO APOSENTADAS, NÃO FUNCIONAM NA LONGEVIDADE.

Uma sociedade, assim como uma colcha de retalhos, é feita de diversos setores, desafios e oportunidades, que juntos, se conectam formando um país. Se fôssemos abordar todas essas áreas, esse seria um relatório infinito. Portanto, decidimos aprofundar nos temas previdência e trabalho, que, olhando para o orçamento anual do governo federal em 2020, representa o maior gasto nacional – R\$398 bilhões, dos R\$4 trilhões aprovados – de acordo com dados da Transparência Brasil.

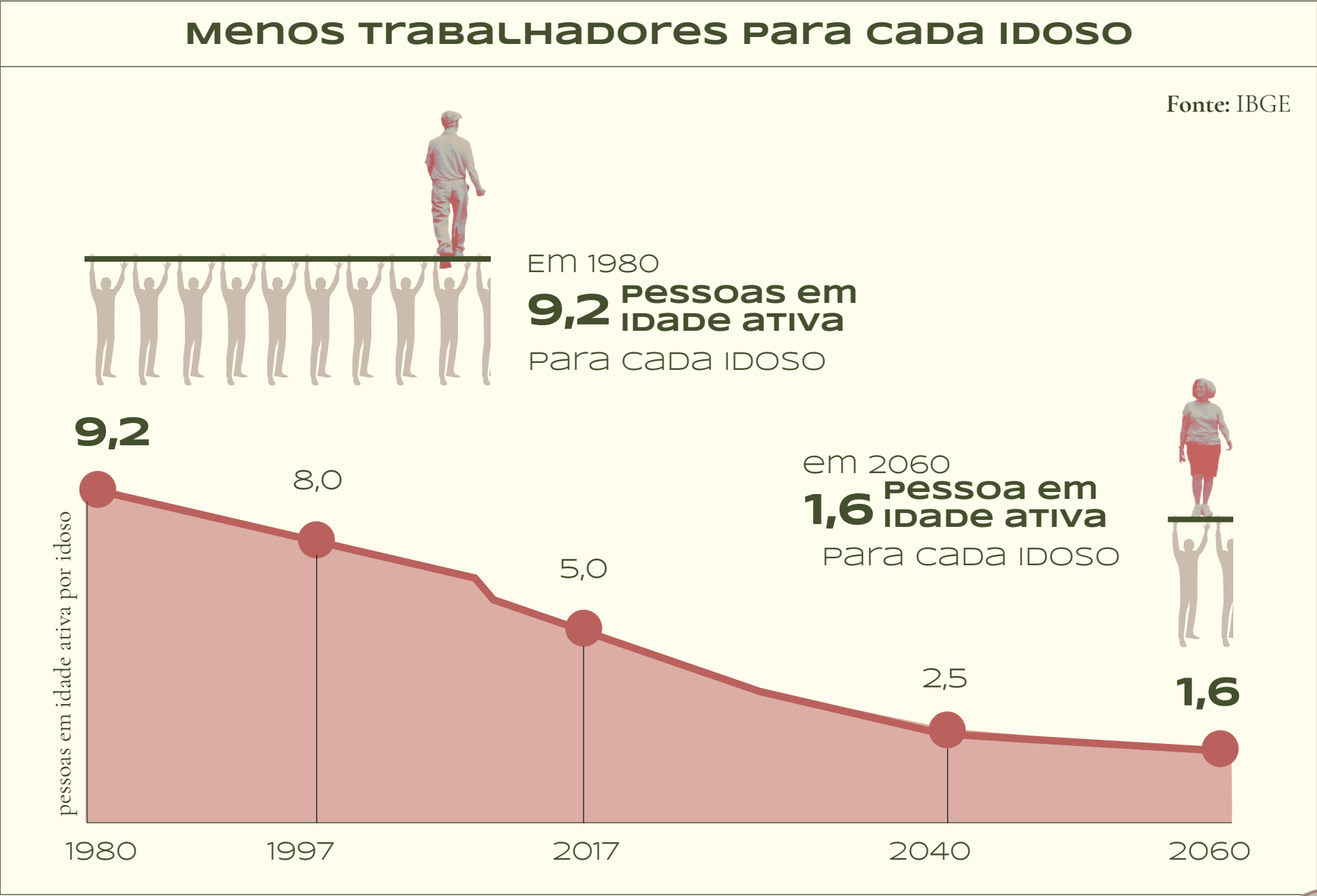
No Brasil, o sistema previdenciário é um pacto entre gerações: os trabalhadores de hoje são os responsáveis por custear a aposentadoria daqueles que saíram do mercado de trabalho; os profissionais do porvir farão o mesmo pelos que estão na ativa atualmente. O modelo, entretanto, enfrenta um desafio diante da mudança demográfica etária – com o aumento de cidadãos longevos e a taxa de natalidade caindo, haverá menos contribuintes ativos para dar suporte à arrecadação.

Em 1980, o sistema previdenciário nacional contava com 9,2 trabalhadores ativos para cada aposentado; em 2060, o sistema contará com 1,6 profissional na ativa para cada idoso, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados revelam que há, cada vez menos, cidadãos em idade ativa para cada um na faixa de inatividade, comprometendo a mobilização de recursos para dar suporte ao modelo previdenciário. O aumento da longevidade, também,

tem um impacto significativo no modelo: em 1991, um indivíduo de 65 anos que conquistasse a aposentadoria viveria, em média, por mais 12 anos; em 2017, os homens da mesma idade viviam até os 82 anos, representando 17 anos de recebimento do benefício. As mulheres aposentadas, hoje, devem ter, em média, 24 anos de pensão. E os números da expectativa de vida só crescem, e as projeções vêm sendo batidas bem antes do esperado, como vimos em várias páginas deste relatório.

EQUAÇÃO DO PROBLEMA

- 1
- Um dos desafios do modelo de previdência no país é conciliar o aumento da taxa de envelhecimento da população, redução da taxa de mortalidade infantil e diminuição da taxa de fecundidade. Na prática, teremos cada vez menos contribuintes em idade ativa para cada brasileiro na faixa de inatividade.
- 2
- Os brasileiros, em geral, conseguem se aposentar integralmente mais jovens do que os cidadãos dos outros países. Com o aumento da expectativa de vida, passam a receber o benefício por mais tempo.
- 3
- Aumento do déficit com a previdência. Com o perfil de envelhecimento do país, o Brasil deveria gastar menos com o sistema, caso acompanhasse a tendência mundial; gasta-se mais do que em países com perfil etário similar, como Turquia e México. Cabe ressaltar que a reforma da previdência, em seu primeiro ano, já endereçou o desafio da diminuição dos gastos.



De janeiro a agosto de 2020, o resultado entre a arrecadação e o total de despesas com benefícios teve um aumento de 71% em relação ao mesmo período de 2019, chegando em um déficit de R\$ 225,5 bilhões. Essas informações se referem ao RGPS (Regime Geral de Previdência Social), sistema voltado aos trabalhadores do setor privado, e constam do Boletim Estatístico da Previdência Social. Quando incluímos a previdência dos funcionários públicos, com regime próprio (federal, estadual e municipal), o gasto engloba 14% do PIB. O levantamento mostra que o esforço da sociedade para pagar os funcionários públicos federais inativos é 10 vezes maior do que o feito de honrar a pensão de um trabalhador do setor privado.

DADOS DA PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA (PNAD CONTÍNUA) atestam que **O TOTAL DE APOSENTADOS CRESCIU 19% NOS ÚLTIMOS SETE ANOS, CHEGANDO A 30,7 MILHÕES DE BRASILEIROS; AS APOSENTADORIAS E PENSÕES SIGNIFICAM 20,5% DOS RENDIMENTOS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 2019 - 19% A MAIS DO QUE O REGISTRADO EM 2012.**

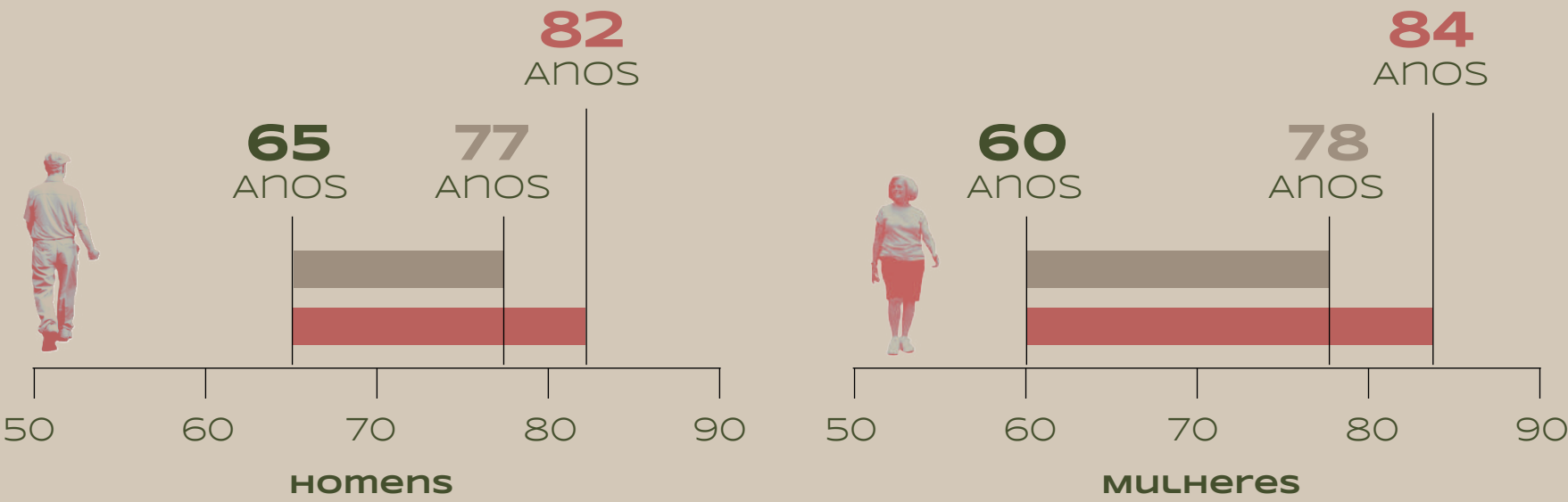
De acordo com a pesquisa conduzida pelo IBGE, **essa é a maior proporção da série histórica da pesquisa.**

MAIS TEMPO DE VIDA PARA OS MAIS VELHOS

● Aposentadoria por idade ● Expectativa de vida em 1991 ● Expectativa de vida em 2017

Em relação a 1991, hoje, em média, aposentados precisam receber o benefício por

5,5 anos a mais



Convidada pelo IBGE a escrever um capítulo na publicação Brasil em Números 2020, a doutora em Economia pela Universidade Federal Fluminense e professora-adjunta de Ciências Econômicas do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, Rosa Kato, afirma que existem duas explicações antagônicas para a questão do financiamento e do papel da previdência social. “De um lado, vê-se o problema do financiamento como endógeno ao sistema de proteção social por seus excessivos direitos previdenciários que resultam em ampliação explosiva de despesas. A previdência social é vista como um seguro social e só recebe quem contribuiu, mas esta não deveria ter papel de cunho distributivista, cabendo ao Estado ações de garantia de renda mínima e de um pilar básico, com teto bastante reduzido, desvinculando do valor do salário-mínimo, sob regime de repartição simples. Por outro lado, há quem conteste esse argumento,

por considerar que a previdência deve ser pensada no quadro mais amplo, a partir dos efeitos sobre o crescimento econômico, de suas qualidades, de seus efeitos no emprego e no bem-estar das pessoas”, afirma.

A especialista ressalta que a condução da política vigente – que vê a previdência como um seguro – considera que esta não deve ser instrumento de política social distributivista por razões fiscalistas. “Espera-se um futuro pior na equidade. No presente, o sistema é deficitário, mas é uma importante política social de transferência de renda com essencial papel de reduzir a pobreza multidimensional e a desigualdade de renda do Brasil. No futuro, pode ser que seja superavitária ao suprimir os direitos conquistados pela Constituinte, mas terá um grande contingente de idosos vivendo abaixo da linha da pobreza e o agravamento da desigualdade social”, analisa.



Foto: Roberto Teixeira da Costa
Créditos: Arquivo Pessoal

Um senhor economista

“O que estamos vendo em países nos quais não há uma aposentadoria compulsória – ou seja, providenciada pelo Estado – é que as pessoas se educaram para poupar para o próprio futuro”

ROBERTO TEIXEIRA DA COSTA
em entrevista exclusiva ao
FDC Longevidade.

ROBERTO TEIXEIRA DA COSTA ANALISA FORMAS DE ENCARAR A APOSENTADORIA E APONTA COMO BRASILEIROS DE DIFERENTES GERAÇÕES PODEM SE PREPARAR PARA O FUTURO.

Pioneiro no mercado de capitais no Brasil, o economista Roberto Teixeira da Costa foi um dos responsáveis pela criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), em 1976, da qual foi o primeiro presidente. Aos 85 anos, mostra disposição incansável para se manter atualizado, escrever, discutir estratégias de empresas com amigos como Jorge Paulo Lemann – que foi o seu estagiário na Deltec, empresa pioneira no mercado de capitais – e analisar as gran-

des questões econômicas que afligem a sociedade brasileira. O carioca foi fundador do Conselho Empresarial da América Latina (CEAL), do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), do Foro Ibero-América, além de participar do Inter-American Dialogue (Washington) e do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP).

O seu quinto livro, Um construtor de pontes - O legado e os segredos de um embaixador empresarial, traz uma curadoria de artigos e crônicas publicados em diferentes jornais e revistas; a obra mistura sua própria trajetória de vida à história da economia brasileira das últimas seis décadas. Em entrevista exclusiva, Teixeira da Costa analisa questões relacionadas ao desafio da aposentadoria no Brasil.

1. No Brasil, na sua visão, qual seria um formato viável para endereçar os desafios da previdência?

Acredito que deveríamos criar mecanismos para redistribuição de renda para aposentados; recursos que mitiguem os problemas causados pela desigualdade. Mas, não existe, culturalmente e educacionalmente, um preparo para que as pessoas, ao receberem os recursos, reservem uma parcela para um colchão financeiro. Os programas de irrigação de renda para a população mais vulnerável devem vir acompanhados de um projeto educacional.

Ou seja, não adianta ter mecanismos para que as pessoas se aposentem com uma renda justa sem

que, paralelamente, existam formas de preparar o indivíduo para lidar com esses recursos. É importante notar que sempre que começamos a discutir um problema mais sério do Brasil a educação vem à baila.

2. Qual seria o impacto dessa educação financeira no processo de aposentadoria do brasileiro?

Deveríamos ter um padrão de vida compatível com o que recebemos. Por que a taxa de poupança dos países asiáticos, como China, Indonésia e Japão, é de 30% a 40% em relação ao Produto Interno Bruto? No Brasil, na época que chamamos de “milagre econômico”, chegamos a ter 22% a 25% de taxa de poupança; hoje, ela está na casa dos 13% a 14%. O que estamos vendo em países nos quais não há uma aposentadoria compulsória – ou seja, providenciada pelo Estado – é que as pessoas se educaram para poupar para o próprio futuro. O comportamento não é gastar tudo!

3. Na sua análise, as sociedades tendem a enxergar, culturalmente, a aposentadoria de modo distinto?

Sim. Cabe lembrar, inclusive, que o termo aposentadoria vem do verbo retirar-se. Otto von Bismarck, chanceler da Alemanha entre 1871 e 1890, foi visitar uma fábrica e

ficou impressionado ao ver que grande parte da força de trabalho do local era formada por idosos, ou seja, indivíduos que estavam fazendo um esforço físico para ganhar algum dinheiro para o sustento. Nesse momento, ele formulou que o país deveria fazer uma substituição gradual desses profissionais que deveriam ir para o aposento, ou seja, se retirar. Foi daí que surgiu essa elaboração. No Brasil, empresas que estão entre as maiores têm idade-limite de 62 anos para atuação dos principais executivos; no entanto, quando essa determinação foi formulada, a longevidade e o grau de atualidade das pessoas diferiam muito do que temos hoje. Duas décadas atrás, ter 62 anos era ser velho; atualmente, é muito cedo para sair de cena.

4. Qual seria sua recomendação para os brasileiros que ainda estão na ativa e para os aposentados nesse novo contexto de longevidade?

Na minha carreira, atuei por 20 anos no setor de seguros e sempre tive dificuldade de entender o porquê de os brasileiros não fazerem mais seguros de vida. Uma ideia benéfica – tanto para os aposentados quanto para os familiares – seria ter uma apólice de seguro que garantisse o sustento da família pós-falecimento. Claro que teríamos que pensar em modelos financeiros viáveis, acessíveis e adequados a cada idade. Será que o próprio sistema público de aposentadoria não poderia acoplar esse seguro que pudesse beneficiar os descendentes? O meu conselho para todas as gerações é que, se puder, pensem na transmissão do patrimônio para que os filhos não tenham conflitos insuperáveis na sua ausência. Temos obrigação de pensar no nosso legado, inclusive o financeiro.

A reinvenção da aposentadoria

“Os sistemas ao redor do mundo estão enfrentando expectativas de vida sem precedentes e crescente pressão sobre os recursos públicos para apoiar a saúde e o bem-estar dos cidadãos mais velhos. É imperativo que autoridades pensem sobre os pontos fortes e fracos de seus sistemas para garantir resultados mais robustos no longo prazo para os pensionistas do futuro.”

DAVID KNOX
coordenador do Índice Global de
Sistemas Previdenciários

COMO AS NAÇÕES ESTÃO LIDANDO COM OS DESAFIOS DOS SISTEMAS PREVIDENCIÁRIOS DIANTE DO AUMENTO DA LONGEVIDADE.

Estamos diante de uma condição social inédita. A geração *baby boomer* é a primeira a ingressar na aposentadoria em uma era em que as pessoas vivem mais de 100 anos. Na Ásia – que está envelhecendo em um ritmo sem precedentes –, o aumento da expectativa de vida está alterando a jornada de carreira dos cidadãos, sobretudo diante de um contingente significativo de maduros saudáveis e experientes, em plena condição de permanecer no mercado profissional. Em uma visão crítica do impacto da longevidade nas economias globais – reflexão necessária, porque nem todos chegam à terceira idade com saúde –, os governos precisam criar programas e políticas públicas para acolher as especificidades desse novo mundo.

Os dados são bastante eloquentes ao mostrarem a urgência em repensar, globalmente, os modelos de previdência e do sistema de saúde pública. Em sua 12ª edição, o Índice Global de Sistemas Previdenciários – conduzido pela Mercer – avaliou os modelos de previdência de 39 países, onde vivem quase dois terços da população mundial. No ranking de 2020, Holanda e Dinamarca são apontadas como as nações com os melhores sistemas de pensão do mundo, seguidas por Israel, que ocupa o terceiro lugar. Na composição da lista das 10 primeiras, encontram-se, ainda, Austrália, Finlândia, Suécia, Singapura, Noruega, Canadá e Nova Zelândia. Na última posição está a Tailândia; o Brasil ocupa o 26º lugar.

“A recessão econômica, causada pela crise global de saúde, levou à redução das contribuições para as aposentadorias, a menores retornos de investimento e à maior dívida governamental na maioria dos países. Inevitavelmente, isso afetará as pensões futuras, o que significa que algumas pessoas terão de trabalhar mais, enquanto outras terão que se contentar com um padrão de vida mais baixo na aposentadoria. É fundamental que os governos reflitam sobre os pontos fortes e fracos de seus sistemas para garantir os melhores resultados de

longo prazo aos aposentados”, avalia David Knox, coordenador do relatório e sócio sênior da Mercer.

No país, a reforma da previdência – que completou um ano desde a promulgação em 2019 – instituiu, entre as mudanças, novas idades para a aposentadoria (trabalhadores urbanos aos 62 e 65 anos, respectivamente, mulheres e homens); novo tempo mínimo de contribuição; regras de transição para segurados antigos; e novas alíquotas de contribuição para a previdência. A expectativa do governo é que em uma década a reforma gere uma economia de R\$ 800 bilhões aos cofres da União. A medida, no entanto, encontra o desafio do alto índice de desemprego, sobretudo entre a população com mais idade.

Os estudos conduzidos pelo mundo revelam que não apenas a questão financeira e as boas condições de saúde determinam a permanência dos *boomers* no mercado; a aposentadoria tardia é inspirada pelo medo do isolamento social. A Stanford Center Longevity reflete que a solidão na velhice pode ter efeitos significativos na condição de saúde – mensagem que tem sido, cada vez mais, disseminada entre os *prateados*. Como sociedade, a missão de criar conjuntamente um futuro positivo para os maduros é urgente e as empresas devem se engajar para melhorar a experiência humana do envelhecimento. E, isso passa por repensar a forma de continuar trabalhando, após os 65 anos.

De acordo com o National Bureau of Economic Research – em mapeamento conduzido em 2016, nos

Estados Unidos –, os trabalhadores do país com idades entre 55 e 75 anos têm 70% mais probabilidade do que os *millennials* de encontrar arranjos de trabalho alternativos dentro da Gig Economy (economia de bicos) – conceito abordado no primeiro *Trendbook* desta série, o FDC Longevidade Pessoas. Esse é um dado relevante, sobretudo quando pensamos que, em 2022, cerca de 12 milhões de empregos ficarão vagos no Reino Unido por conta da aposentadoria de profissionais, e somente 7 milhões de jovens estarão capacitados a ocupar as vagas. No país, o número de trabalhadores com mais de 50 anos deve aumentar para 13,8 milhões; em contrapartida, os com menos de cinquenta anos reduzirão para 700 mil.

À medida que os *prateados* reinventam a aposentadoria, os governos têm debatido as melhores formas de repensar as previdências; uma das tendências entre os 102 países analisados pela organização Pension Watch, por exemplo, é igualar a idade por gênero; entre essas nações, 82 optaram por essa decisão. O aumento do tempo de contribuição também é uma forte tendência, apesar de polêmico e de dividir opiniões. (ver gráfico).

Com tantos debates sobre o futuro do trabalho, em especial durante a pandemia da COVID-19 que levou quase 9 milhões de brasileiros ao *home office*, muito pouco se fala sobre como a extensão da vida irá impactar drasticamente as carreiras, as novas profissões, a forma como investimos nosso dinheiro e o alargamento do tempo de contribuição. Os novos modelos de previdência não dizem respeito só aos 50+ ou 60+, mas impactam a todos e para repensá-los, é necessário incluí-los nessa nova visão sobre como trabalhamos.

IDADE DE APOSENTADORIA POR SEXO

REPENSANDO A PREVIDÊNCIA, ALGUNS PAÍSES ESTÃO SE PREPARANDO PARA IGUALAR A IDADE DE APOSENTADORIA POR GÊNERO

- Aposentadoria atual - homens
- Aposentadoria atual - mulheres
- Aposentadoria futura para ambos os sexos



FONTE: Pension Watch e Thales Molina/ Superinteressante, 2019

PREVIDÊNCIAS SOCIAIS PELO MUNDO

1 BRASIL

Com a reforma da previdência, estabeleceu-se que a idade mínima para a aposentadoria seja de 60 e 65 anos, respectivamente, para mulheres e homens. As pessoas deverão trabalhar mais tempo e contribuir, portanto, mais. O desafio é a absorção dessa mão de obra no mercado de trabalho, visto que o índice de desemprego do país tem batido recordes. De acordo com o IPEA, 10,5% dos homens com idade entre 50 e 64 anos não trabalham, nem estão aposentados por não terem atingido as exigências de contribuição estabelecidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Pela regra aprovada, as mulheres terão que contribuir, no mínimo, por 15 anos; os homens que já contribuem para o INSS também terão 15 anos de contribuição, mas os que ainda não ingressaram no mercado de trabalho terão que contribuir por, pelo menos, 20 anos. Uma mudança importante é o cálculo do benefício, que passou a ter por base a média de todos os salários do trabalhador, não os 80% maiores (como era anteriormente). Com duas décadas de contribuição, os homens terão apenas 60% do rendimento; a cada ano a mais, sobem dois pontos. Desde a aprovação da nova previdência, dados do Ministério da Economia apon-



tam que o INSS gastou R\$ 8 bilhões a menos do que o projetado caso o país não tivesse aprovado a reforma no sistema; a economia superou as previsões do governo que esperava economizar R\$ 3,5 bilhões em 2020.

2 CHILE

O sistema de contribuição é predefinido, ou seja, o indivíduo contribui conforme o salário e recebe, na aposentadoria, de acordo com o que foi acumulado pelo próprio trabalhador – não conforme a idade, o tempo de contribuição ou salários que ganhou ao longo da vida. Em 1983, a nação privatizou a previdência social, que migrou para um sistema de contribuição definida e obrigatória – administrada pelo setor privado sob supervisão do governo. Ou seja, os trabalhadores poupam em contas individuais, administradas por empresas privadas que investem esses recursos em mercados internacionais, buscando maior rentabilidade. A contribuição do funcionário é em torno de 10% do salário. Em paralelo, o “Pilar Solidário” é um fundo público que complementa as pensões mínimas para famílias mais vulneráveis. Em 2020, a Câmara dos Deputados aprovou, em julho, a proposta de uma reforma, mudança que é apoiada por 80% da população do país; o presidente Sebastián Piñera afirmou que o país foi injusto com os idosos; ele propõe uma mudança estrutural do sistema previdenciário.



3 JAPÃO

O sistema de previdência social é composto por quatro elementos: assistência pública, previdência social, serviços de bem-estar social e manutenção da saúde pública. Na década de 1980, um sistema pensionário de duas faixas foi estabelecido para que toda a população passasse a receber a aposentadoria nacional, sobre a qual se somavam a aposentadoria do trabalho e a aposentadoria de assistência mútua para as pessoas elegíveis. Dessa forma, atualmente, a primeira faixa do sistema pensionário é a aposentadoria nacional, para a qual contribuem as pessoas de 20 a 60 anos – e que concede os benefícios previdenciários a partir dos 65 anos de idade. Para a aposentadoria nacional, a população segurada é classificada em três grupos, de acordo com métodos de contribuição com a previdência nacional e elegibilidade para receber os benefícios da segunda faixa previdenciária. Os “assegurados de categoria 1” são os estudantes e autônomos, que fazem as contribuições previdenciárias como indivíduos. Os “categoria 2” são pessoas assalariadas que trabalham para empresas e governo, enquanto os “categoria 3” são cônjuges dependentes de pessoas da categoria 2 e que são isentos de contribuições previdenciárias.

4 URUGUAI

O sistema previdenciário do país é um regime misto – recolhe contribuições e concede benefícios de maneira combinada, ou seja, uma parte é proveniente da solidariedade intergeracional; outra, do formato de poupança individual obrigatória. O primeiro modelo é administrado pelo Banco da Previdência Social e oferece benefícios financiados por uma repartição específica. O regime previdenciário de poupanças, por sua vez, possui dois atores: a Administradora de Fundos de Poupança Previdenciária e a Companhia de Seguros – ambos controladas pelo Banco Central do Uruguai. Dentro desse regime, as prestações indefinidas são organizadas com base em capitalização individual, financiada por contribuição pessoal.

5 CHINA

A aposentadoria compreende um sistema social-urbano e rural, que conta com uma pensão básica de repartição formada pelas contribuições do empregador e contas individuais financiadas (das contribuições dos funcionários). Planos complementares também são fornecidos por alguns empregadores.

Na análise de 2019, o Índice Global de Pensões aponta que muitos países estão promovendo mudanças em direção a sistemas mais sustentáveis. Com base nos estudos, os especialistas compilaram iniciativas que podem ser conduzidas pelos governos para endereçar os desafios das previdências.



1. Aumentar a idade da aposentadoria.



2. Aumentar o nível de poupança: dentro e fora dos fundos de pensão.



3. Ampliar a cobertura de pensões privadas para toda a força de trabalho, incluindo os autônomos e contratados; a medida visa fornecer uma integração entre vários pilares de assistência.



4. Preservar os fundos de aposentadoria, limitando o acesso aos benefícios antes da idade de aposentadoria. Embora 59% dos profissionais esperam ganhar o suficiente nos anos de aposentadoria para deixar de trabalhar, os governos devem oferecer incentivos e opções para que continuem ativos profissionalmente na maturidade – medida crucial para o crescimento econômico contínuo.



5. Aumentar a confiança em todas as partes interessadas por meio da transparência dos planos de pensão.

10 PROFISSÕES DO FUTURO PARA CUIDAR DO ENVELHECIMENTO

“Nos Estados Unidos a projeção é que na próxima década, os mais velhos irão demandar mais de 1,2 milhão de novos cuidadores profissionais. Nesse momento, esse é um tipo de trabalho pouco reconhecido e mal remunerado, o que eleva a taxa de turnover e a falta de oferta. Investir dinheiro público em capacitação e oportunidades para os cuidadores é uma saída ganha-ganha para o governo, famílias e os profissionais. Tornando esses empregos melhores, nós vamos remodelar a economia, ao mesmo tempo em que reduzimos os custos de saúde.”

SARITA GUPTA

Diretora Executiva da Ford Foundation
e Codiretora da ONG Caring
Across Generations

A LONGEVIDADE NOS OBRIGA A REPENSAR A PREVIDÊNCIA SOCIAL E TAMBÉM O TRABALHO, DESDE NOVAS PROFISSÕES QUE SURGEM PARA ATENDER OS MADUROS E SUAS FAMÍLIAS A NOVOS CICLOS DE CARREIRA E FONTE DE RENDA, COMO VIMOS NO PRIMEIRO REPORT DESSA SÉRIE DO FDC LONGEVIDADE.

Já está acontecendo. Apesar de muitas previsões sobre o impacto da longevidade descreverem cenários de 2030 ou 2050, a realidade de 2021 já demonstra os efeitos do envelhecimento em diferentes áreas da vida. Veja esse exemplo: a carreira que mais cresceu na última década não foi de cientista de dados, desenvolvedor ou diretor financeiro. Foi, por surpresa, a de cuidador de idosos. Em dez anos, o Brasil passou de 5.263 cuidadores, em 2007, para 34.051, em 2017, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). No entanto, apesar do crescimento de 547% no número de profissionais, a regulamentação e

a velocidade de formação dos cuidadores não acompanham a necessidade de cuidado da população 60+. A lacuna se repete também em outras profissões. Hoje, o Brasil tem um déficit de 28 mil geriatras, sendo que, em alguns Estados, como Acre, Amapá e Roraima, o número de profissionais não passa de cinco (cinco, você leu certo), de acordo com dados do Ministério da Saúde e IBGE (PNAD), de 2017.

Tamanho descompasso tem uma raiz. Para surgirem novos profissionais, é preciso uma formação em massa da força de trabalho. A limitação de cursos e grades curriculares, especialmente na área da saúde, que contemplem as necessidades do envelhecimento, é um dos maiores gargalos para atender às demandas do país. Até 2017, por exemplo, apenas duas universidades brasileiras ofereciam uma graduação em Gerontologia, segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. A boa notícia é que, como a lista abaixo sugere, novas profissões nascem para atender às pessoas, mostrando mais uma vez que a sociedade caminha mais rápido que qualquer instituição. Dessa forma, uma profissão inexistente hoje pode ser a carreira dos sonhos de quem prestar vestibular em 2030.

veja a seguir as carreiras mais promissoras ligadas ao envelhecer.

Fonte das médias salariais: Salaris.com.br, portal gratuito de pesquisa de cargos e salários do Brasil que coleta dados oficiais do Novo CAGED, eSocial e Empregador Web divulgados pela Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia.

1

CUIDADOR DE IDOSOS

Responsável por auxiliar nas tarefas domésticas para garantir o bem-estar da pessoa idosa. Higiene pessoal, suporte no cuidado médico e acompanhamento em consultas são atribuições do trabalho.

• Média salarial: R\$ 1.271,82

2

Geriatra

Esse profissional é o médico especialista no tratamento de idosos, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da longevidade. Atua ao lado de enfermeiros, fisioterapeutas e educadores físicos.

• Média salarial: R\$ 8.271,27

3

GERONTÓLOGO

Apesar da confusão, esse profissional não tem a mesma função do Geriatra. A Gerontologia estuda o processo de envelhecimento pela perspectiva social, psicológica e também biológica.

• Média salarial: R\$ 3.793,25

4



TERAPEUTA OCUPACIONAL

Costuma trabalhar em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), clínicas e hospitais, apoiando os maduros a manter sua autonomia na sua rotina, a partir das habilidades, limitações e reservas de saúde de cada pessoa.

• Média salarial: R\$ 2.598,45

5



CUIDADOR REMOTO

Também conhecido como Walker/Talker, por meio de uma plataforma on-line, essa pessoa é contratada para passar um tempo com os maduros, praticando a escuta ativa e a conversa, para diminuir a solidão e manter ativa sua sociabilidade.

• Média salarial: Não há.

6



BIOINFORMACIONISTA

Vindo da Biomedicina, esse profissional combina as informações genéticas com a metodologia clínica para desenvolver medicamentos personalizados cada vez mais eficientes para doenças genéticas.

• Média salarial: Entre R\$ 4 mil e 7 mil.

7



CONSULTOR DE BEM-ESTAR PARA IDOSOS

Interdisciplinar, sem uma formação própria, essa profissão combina conhecimentos diversos de finanças, recursos humanos e até saúde e bem-estar. Pessoas formadas em Gerontologia ou terapia ocupacional podem exercê-la.

• Média salarial: Não há.

8



CONSELHEIRO DE APOSENTADORIA

Essa é uma das 10 tendências de profissão do futuro, segundo a Fundação Instituto Administração (FIA). Além do planejamento financeiro, esse profissional apoia na decisão de alternativas de investimento, escolha de plano de saúde, plano de carreira e também programação do tempo.

• Média salarial: Não há.

9



CURADOR DE MEMÓRIAS PESSOAIS

O trabalho envolve desde a investigação de notícias e biografias para pessoas que perderam a memória até criação de biografias, perfis póstumos, histórias de famílias e empresas. O resultado pode ser entregue na forma de livro, filme ou uma experiência em realidade virtual.

• Média salarial: Não há, mas o piso cobrado pelo trabalho é de R\$ 1 mil.

10

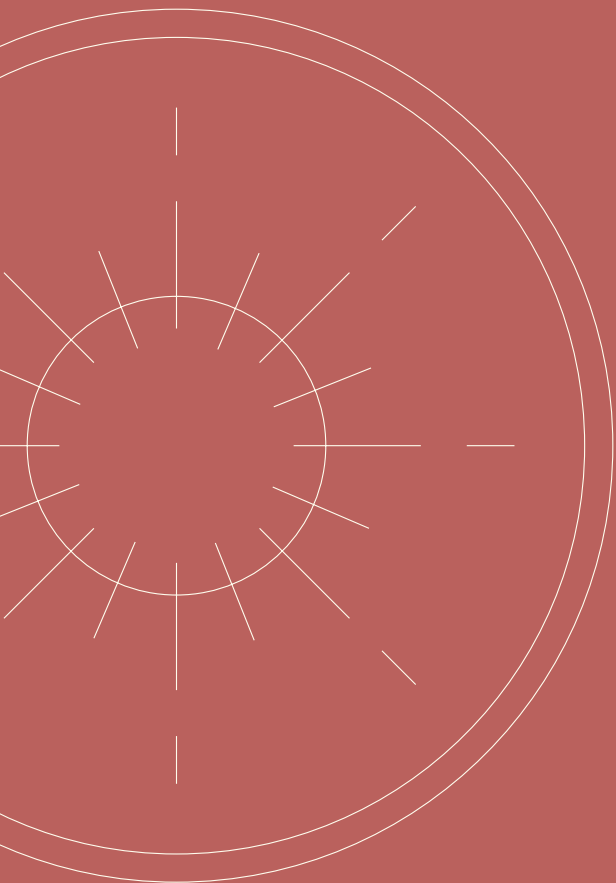


ESPECIALISTA EM ADAPTAÇÃO DE CASA

Com a tendência de Aging in Place, é cada vez mais necessária a adaptação de casas de família para atender às necessidades dos idosos. As modificações vão do tipo de piso à altura da prateleira, largura dos corredores e adaptação do banheiro.

• Média salarial: Não há, mas pode ser comparada a de um arquiteto ou gerontólogo.

Geronto O QUÊ?



CONHEÇA A PROFISSÃO QUE PROMETE
CRESCER EXPONENCIALMENTE COM O
ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO.

Por Tássia Monique Chiarelli*

“Geronto o quê?”. Gerontóloga. Essa é a primeira pergunta que me fazem quando eu falo sobre minha formação. Profissão com nome complicado, mas que surgiu com o propósito de ajudar a descomplicar os desafios da longevidade. Em 2005, a Universidade de São Paulo (USP) assumiu o pioneirismo, lançando a primeira turma de bacharelado em Gerontologia no Brasil. De acordo com o descritivo no site da instituição, o gerontólogo realiza a gestão da atenção ao envelhecimento e estuda aspectos biológicos, psicológicos e sociais da velhice. A nossa raiz é generalista. O propósito é entender a pessoa em sua totalidade, enquanto indivíduo que envelhece e que se relaciona com o mundo. Em 2007, eu escolhi ser parte desses profissionais que respondem sobre o que faz um gerontólogo e, mais que isso, buscam desenvolver uma cultura de longevidade com qualidade.

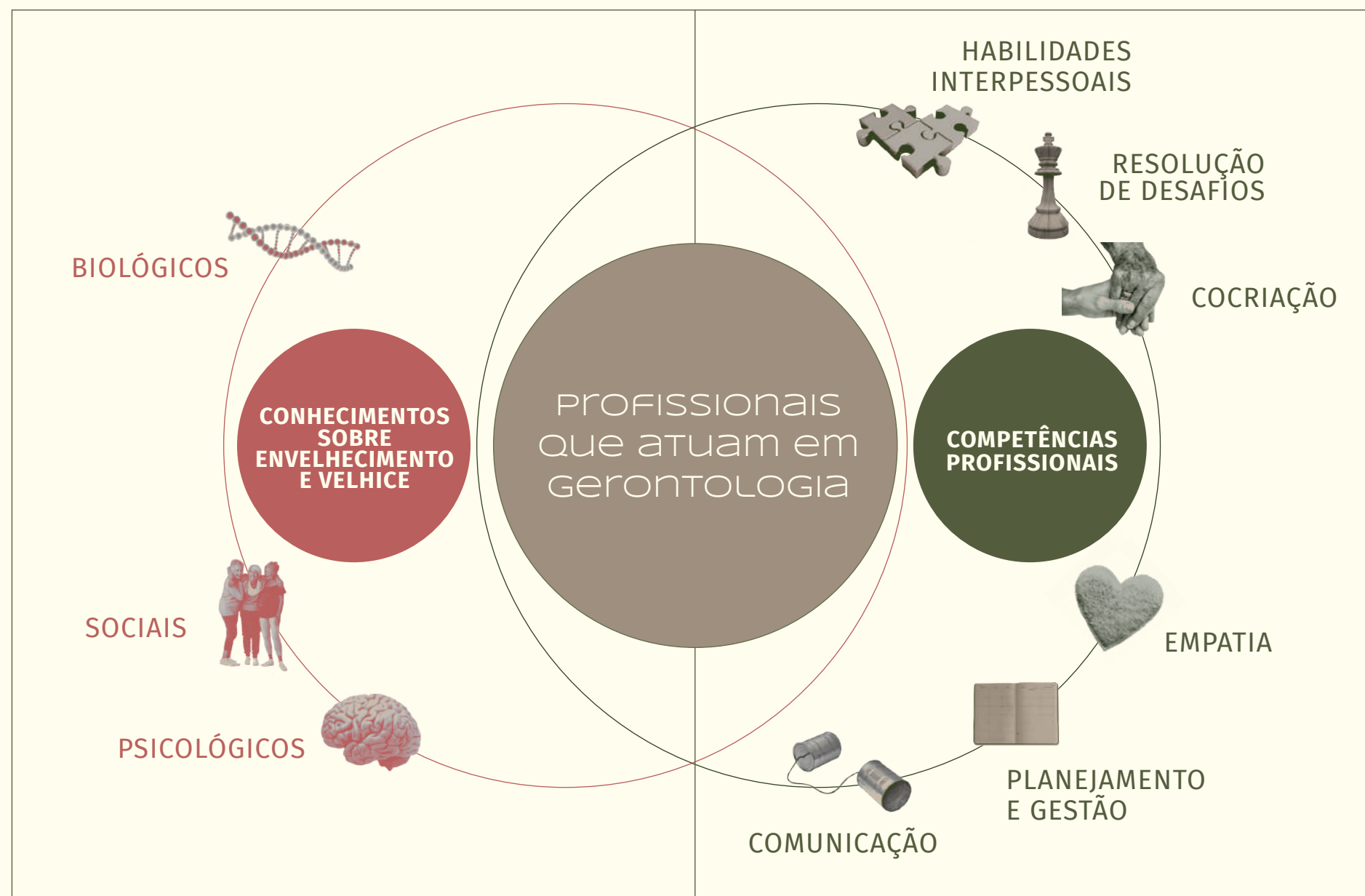
O gerontólogo pode trabalhar em contato direto com a pessoa idosa e também de forma indireta, atuando tanto em contexto comunitário como institucional. O Projeto de Lei 9003/2017, criado e acompanhado pela Associação Brasileira de Gerontologia (ABG), trata sobre o exercício da profissão de gerontólogo e descreve como uma de suas atribuições “planejar, organizar, coordenar, executar e avaliar programas, serviços, políticas e modalidades assistenciais ao idoso, à comunidade e à família, com vistas à promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos assistidos”.

Caso você, leitor, tenha dúvidas sobre como atua um gerontólogo na prática, vou te contar algumas experiências a fim de demonstrar o tanto de oportunidades que podem ser criadas. Minha primeira atuação como Gerontóloga foi empreendendo. Na ausência de servi-

ços variados para idosos, resolvi criá-los. Meu contato era direto com os idosos: realizava atividades de desenvolvimento pessoal. Contudo, o gerontólogo não atua apenas com a pessoa idosa, lembra?

Durante a jornada, encontrei o serviço de consultoria. Em um deles, fui responsável por realizar o mapeamento e plano de ação de uma política pública federal para idosos. Esse é outro universo que se abre: orientar instituições a desenvolverem boas práticas para o envelhecimento saudável. Também sou apaixonada por educação, que combina muito bem com gerontologia. Eu me tornei professora em cursos de pós-graduação, já desenvolvi conteúdos didáticos sobre envelhecimento e velhice e lancei dois livros digitais. No momento, também sou aluna! Faço parte do programa de doutorado em Gerontologia da Unicamp. Ainda estamos aprendendo a envelhecer, portanto, a pesquisa se torna fundamental para conhecermos melhor a diversidade que envolve a longevidade.

O gerontólogo não está sozinho, ele veio somar com uma variedade de profissionais que contribuem no mercado da longevidade: os especialistas em gerontologia e os geriatras. Os especialistas em gerontologia são aqueles que possuem formação em nível superior como, por exemplo, em fisioterapia, e estão aptos para lidar com questões do envelhecimento e da velhice, a partir da sua área original de conhecimento. A geriatria é uma especialidade da medicina. Os geriatras são os médicos que se especializaram no cuidado de pessoas idosas, de acordo com a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).



Gerontólogos, Especialistas em Gerontologia e Geriatras... Todos esses profissionais buscam dar visibilidade à velhice e somar qualidade aos novos anos de vida. Ao projetar as próximas décadas, visualizamos um envelhecimento populacional expressivo. Cada vez mais, precisaremos de profissionais que se capacitem e se qualifiquem para vestir a camisa do envelhecimento e atendam às diversas necessidades individuais e coletivas da sociedade. Preparar profissionais significa construir pontes. Planos de cuidado, serviços, pro-

duto, programas, políticas dependem de pessoas, ou seja, de profissionais motivados a construir uma cultura de longevidade para todos, independente da idade, gênero, raça e renda.



TÁSSIA MONIQUE CHIARELLI

é gerontóloga, autora dos livros digitais Empreendedorismo no mercado da longevidade e Tecnologias e Envelhecimento Ativo.

O PAPEL DOS seniores na POLÍTICA



Foto: Joe Biden
Créditos: Facebook/Joe Biden

“A velhice não é doença, não é defeito. A velhice é um estágio de vida, no qual você tem a oportunidade de viver plenamente aquilo que aprendeu ao longo dos anos. Por isso, eu tenho essa energia e pretendo lutar até o fim. Quem não sonha é que já está velho.”

Luiza Erundina

86 anos, ex-prefeita de São Paulo e
candidata à vice-prefeita na chapa de
Boulos nas eleições de 2020

CANDIDATOS E UM GRANDE VOLUME DE ELEITORES PRATEADOS VÊM MEXENDO NAS ANÁLISES ELEITORAIS MUNDO AFORA.

Diante de uma pandemia que retirou os seniores dos espaços públicos, uma geração de políticos brasileiros 80+ não recuou. No Brasil, as eleições municipais de 2020 registraram um número recorde de candidatos prateados. Entre os vereadores, 646 disputaram uma vaga nas câmaras do país; foram 79 candidatos a vice-prefeito e 71 concorrendo às prefeituras, um aumento de 47,9% em relação à eleição anterior. Entre os candidatos a prefeitos foram 49 nomes a mais do que no pleito de 2016, um aumento de 6,5%. No Sudeste, Minas Gerais e São Paulo foram os Estados com o maior número de “vovôs da política” com, respectivamente, 177 e 167 postulantes a cargos municipais. Eles são a maioria em um universo em que as mulheres não chegam a 20%. Entre os candidatos às prefeituras, a proporção foi de uma mulher para 70 homens oitentões.

O aumento do número de candidatos seniores é símbolo dos ventos prateados que sopram. Com a ampliação da expectativa de vida da população brasileira, é natural que essa faixa etária queira ser representada na política. Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam

que o país conta com 30 milhões de eleitores idosos, ou seja, 20% de todo o eleitorado nacional – esse é o maior percentual desde 2012 (ver box).



Em 2020, o número de eleitores com mais de 70 anos chegou a 13,5 MILHÕES ;
8.784.004 maduros entre 70 e 79 anos;
4.658.495 eleitores de 80 a 99 anos;
65.589 pessoas com mais de 100 anos.

Entre os candidatos mais emblemáticos de 2020 está o empresário José Braz. Aos 95 anos, ele despontou como o mais velho a pleitear um cargo de prefeito; o sonho era assumir o posto em Muriaé, Minas Gerais, pela terceira vez. “Eu me sinto com 40 anos, estou muito bem, não sinto nada, nunca tive dor de cabeça. A idade não me preocupa. Sou uma pessoa tranquila e trabalhadora. Durmo cedo e acordo cedo”, afirmou, em entrevista ao UOL. Eleito com 23.763 votos, ele assumiu o cargo em 2021 ao lado do “jovem” vice-prefeito Marcos Guarino, de 63 anos. Como chefe do executivo municipal mais longo do país, conta que o segredo vem dos bons hábitos e da genética: a mãe viveu, lúcida, até os 105 anos. “Eu estou levando a vida para viver 120 anos. E, enquanto estiver vivo, quero continuar a ajudar a população”, finaliza.

LÍDER PRATEADO DO PLANETA

Aos 78 anos, Joe Biden é o presidente mais velho dos Estados Unidos, chegando à Casa Branca com três meses a mais do que o então mandatário mais idoso, Ronald

Reagan. Ele também se tornou um dos líderes com mais idade do mundo, já que a média etária é de 62 anos entre os países do G20 – grupo que reúne as nações mais ricas do mundo, além da União Europeia. Vale registrar que, há uma década, a média de idade entre os mandatários era de 59 anos. A gerontocracia persiste, também, no congresso norte-americano: os seniores são maioria na casa, que abriga somente 14 *millennials* entre os deputados.

O fenômeno tem gerado reflexões, inclusive, na imprensa: o site Politico Magazine publicou, em 2019, uma matéria cujo título era América, a gerontocracia. No texto, Timothy Noah indaga se os norte-americanos deveriam se preocupar com a idade avançada de seus líderes, “porque, entre outras coisas, o funcionamento cognitivo diminui, drasticamente, após os 70 anos, além da capacidade de absorver grandes quantidades de novas informações e novos dados em um curto espaço de tempo”. A provocação – que pode ser classificada por muitos como preconceito etário – não é capaz de barrar o avanço das lideranças prateadas no mundo. Os governantes idosos – até, então, mais comuns em monarquias e ditaduras, nas quais há baixa alternância de poder – são uma certa novidade nas democracias. Entretanto, com o telhado branco avançando no planeta, a tendência deve se consolidar.

No Brasil, além da experiência de vida – que costuma ser um diferencial na conquista de votos –, a idade pode ser um critério de desempate em uma eleição nos mais de 5 mil municípios. Na prática, se dois candidatos tiverem o mesmo número de votos na liderança, o eleito será o que tiver maior idade, segundo a legislação eleitoral. Em 2004, o fato ocorreu nas cidades de Grão-Pará (Santa Catarina) e Embaúba (São Paulo).

G20

Fonte: Folha de S.Paulo, outubro 2020

O G20 reúne quase todos os países mais ricos do mundo e a União Europeia, que juntos respondem por 80% do PIB global. Seus governantes têm sido cada vez mais longevos:

	Salman Al Saud	84 anos	Arábia Saudita
	Donald Trump	74 anos	EUA
	Yoshihide Suga	71 anos	Japão
	Narendra Modi	70 anos	Índia
	Vladimir Putin	68 anos	Rússia
	Cyril Ramaphosa	67 anos	África do Sul
	Xi Jinping	67 anos	China
	Moon Jae-in	67 anos	Coreia do Sul
	Angela Merkel	66 anos	Alemanha
	Andrés López Obrador	66 anos	México
	Recep Erdogan	66 anos	Turquia
	Jair Bolsonaro	65 anos	Brasil
	Alberto Fernández	61 anos	Argentina
	Joko Widodo	59 anos	Indonésia
	Giuseppe Conte	56 anos	Itália
	Boris Johnson	56 anos	Reino Unido
	Scott Morrison	52 anos	Austrália
	Pedro Sanchez	48 anos	Espanha
	Justin Trudeau	48 anos	Canadá
	Emmanuel Macron	42 anos	França



CAPÍTULO 3

ECOSSISTEMA SOCIAL DA LONGEVIDADE

O COPO CHEIO: a revolução da Longevidade já começou PELO BRASIL

“É preciso despertar um novo olhar da população, dos gestores e das próprias políticas públicas sobre a necessidade de abraçarmos as ações e os cuidados com a população idosa, que é a mais crescente no Brasil”

ANTONIO
COSTA

Secretário Nacional
de Promoção dos Direitos
da Pessoa Idosa.

INICIATIVAS DE GOVERNOS, EMPRESAS, SOCIEDADE CIVIL, COLETIVOS E INDIVÍDUOS TÊM APOIADO O ENVELHECIMENTO DO PAÍS EM PROL DA QUALIDADE DE VIDA DOS 60+.

O poder público brasileiro – nas esferas federal, estadual e municipal – tem conduzido projetos focados na melhoria da qualidade de vida da população 60+. Embora as iniciativas sejam pontuais e muito associadas à saúde, despontam ações que ampliam o repertório governamental para abarcar setores como cultura, lazer e habitação. Por outro lado, a sociedade civil se mobiliza com iniciativas criativas para combater uma ameaça da longevidade, sobretudo em tempos de pandemia: a solidão. Incluir o idoso na ágora pública tende a ser a resposta dada por muitas das iniciativas, tanto governamentais quanto da sociedade civil.

Um aspecto interessante trazido pelo inusitado contexto de distanciamento social foi a nova dimensão de compreensão social do papel e dos desafios enfrentados pelos mais velhos na sociedade. De invisíveis, eles passaram a ser vistos como um grupo de risco que deveria ser protegido. Nesse cenário, muitos cidadãos decidiram conduzir iniciativas para combater o isolamento e o etarismo; ações para incluir os longevos de maneiras possíveis e seguras. Surgindo a partir do interesse de um indivíduo, de uma família, de uma comunidade, de uma universidade, de uma empresa ou até de uma rede internacional, conheça algumas iniciativas de destaque que apoiam os maduros no Brasil:

MAPA SOCIAL DA LONGEVIDADE

+ VILA DOS IDOSOS SÃO PAULO, SP

Um grande centro de convivência e moradia para os maduros é uma das definições da Vila dos Idosos, projeto da Prefeitura de São Paulo e instalado no bairro do Pari, em uma área de 8 mil quilômetros quadrados. Inaugurado em 2007, o espaço conta com 145 unidades, sendo 55 apartamentos com um quarto, sala, cozinha e banheiro, e 90 quitinetes. O morador custeia com o equivalente a 10% dos seus rendimentos, sendo o valor restante pago pelo poder público municipal. Os moradores não têm a posse, mas o usufruto de um espaço digno e seguro.

+ SESC POR TODO O BRASIL

Um dos pioneiros no Brasil com o trabalho social com idosos, os programas oferecidos pelo SESC – instituição brasileira privada, mantida por empresários do comércio de bens, serviços e turismo – têm o objetivo de oferecer uma melhor qualidade de vida aos maduros via atividades em

grupo e pensadas para integrar gerações e já foram reconhecidos pela ONU. Entre as atividades já desenvolvidas, destaque para Oficina da Memória (Alagoas); Cidadania Ativa (Ceará); Portal do Idoso Empreendedor (Santa Catarina). No SESC Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, o Projeto Carinhoso – realizado em parceria com a prefeitura – tem levado música para dois residenciais de idosos: Casa de Repouso Amanhecer e Residencial Laranjeiras.

+ GOVERNO DA PARAÍBA JOÃO PESSOA, PARAÍBA

Em 2020, o governo paraibano inaugurou condomínios seguros para os 60+. Projetadas especialmente para os moradores, as casas têm terraço – para a melhoria da qualidade de vida – e rampas para facilitar a saída e entrada. Contam com fitas antiderrapantes, sala iluminada e janelas que garantem ventilação cotidiana; a porta do banheiro é mais larga para facilitar o acesso a cadeiras de rodas; não há divisórias de vidro nem acrílico no box e foram instaladas barras de apoio para dar mais

CONHEÇA INICIATIVAS
GOVERNAMENTAIS E NÃO
GOVERNAMENTAIS QUE ESTÃO
MUDANDO A LONGEVIDADE NO PAÍS

segurança. De acordo com o Estado, mais cinco condomínios estão sendo construídos em cidades do agreste e sertão. Para pleitear o benefício, o idoso não pode ter casa própria e a renda mensal não deve ultrapassar cinco salários-mínimos.

+ 50 CRISES BELO HORIZONTE, MG

Aos 50 anos, a mineira Cris Guerra é uma das vozes brasileiras do comportamento contemporâneo. Sua história emocionou o Brasil e deu origem ao seu primeiro livro, Para Francisco. Criadora do primeiro blog de looks diários do Brasil, Cris escreve mensalmente na revista Vida Simples, tem uma coluna na Rádio BandNews FM de BH e comanda o podcast 50 Crises (entre os Top Podcasts de 2020 pelo Spotify Brasil). Segue pioneira, tocando temas importantes como maternidade, moda, protagonismo, saúde mental e combate ao etarismo, por meio de palestras e participações em eventos de diversos perfis e em suas redes sociais, nas quais conversa com centenas de milhares de seguidores.



+ SUA VIDA VALE MUITO

BRASÍLIA, DF

Principal ação da Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal, o programa está percorrendo – desde agosto de 2020 – as cidades para atender e orientar idosos sobre os riscos da Covid-19. Com 300 mil habitantes maiores de 60 anos, o governo oferece, no programa, atendimento médico, social, psicológico, fisioterapêutico e oftalmológico. Outra iniciativa é a implementação de três telecentros nas cidades de São Sebastião, Recanto das Emas e Sol Nascente/Pôr do Sol para ampliar a inclusão digital e comunitária dos munícipes dessa faixa etária, usando os espaços públicos locais.

+ ME PEDE QUE EU CANTO

RIO DE JANEIRO, RJ

Iniciativa da sociedade civil que conta com 200 voluntários. Criado pelo produtor musical Jules Vandystadt, no Rio de Janeiro, o projeto é realizado por cantores, profissionais e amadores, que fazem saraus musicais on-line para moradores de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Os pedidos das canções são enviados pelos próprios espectadores, que recebem, como se fossem visitas, suas músicas preferidas.

+ MENINAS DE SINHÁ

BELO HORIZONTE, MG

Formado atualmente por mulheres com idade entre 54 e 95 anos, o Meninas de Sinhá promove oficinas,

shows, cursos e palestras resgatando brincadeiras, danças e cantigas de roda com o objetivo de elevar a autoestima e compartilhar experiências no bairro Alto Vera Cruz, zona periférica de Belo Horizonte, há mais de 20 anos.

+ ENVELHECIMENTO 2.0

PELO BRASIL

Fundado em 2013 pelo incansável Willians Fiori – host e criador do GeroCast (o primeiro podcast do Brasil sobre o tema longevidade), professor da pós-graduação em Gerontologia do Hospital Albert Einstein e gerente de Relações Profissionais da Bigfral – o grupo nasceu em 2013 com o objetivo de reunir e potencializar projetos, negócios e informações sobre longevidade. Com mais de 200 membros de empresas, instituições e organismos governamentais – de diversos lugares do Brasil e do exterior –, é o principal canal de troca entre pensadores e formadores de opinião sobre o envelhecimento populacional.

+ CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL: ILC BR

RIO DE JANEIRO, RJ

Presidido pelo Dr. Alexandre Kalache, o Centro Internacional de Longevidade Brasil-ILC BR é um *think tank* que atua no campo do envelhecimento populacional com especial foco no contexto brasileiro e integrado ao Global Alliance of International Longevity Centres.

+ INSTITUTO VELHO AMIGO

SÃO PAULO, SP

Trabalhando há mais de 21 anos pela longevidade saudável, é uma organização sem fins lucrativos que já beneficiou mais de 15.000 idosos por meio de programas de assistência junto a instituições de longa permanência parceiras. Hoje são 16 instituições assistidas e mais de 1700 beneficiados por mês, assegurando autonomia, inclusão, convivência, saúde e bem-estar a 60+ em situação de vulnerabilidade social.

+ UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS

FORTALEZA, CE

A Universidade Sem Fronteiras – UNISF, criada em 1988, em Fortaleza, promove atividades para oferecer uma formação completa às pessoas da maturidade, com cursos diversos de ginástica cerebral até formação em história da arte nos pilares: mente, alma, idiomas, filosofia e novas mídias.

+ CONEXÃO 6.0

BELO HORIZONTE, MG

Um exemplo de projeto financiado com recursos do fundo municipal do idoso de BH é o Conexão 6.0 Digital. A iniciativa, realizada pela Rede Longevidade, oferece um ecossistema interativo para quem tem mais de 60 anos. Uma oportunidade para quem está em qualquer lugar do país conhecer mais de 100 iniciativas voltadas para o público maduro. Conecte-se e conheça mais sobre quem faz pela causa: www.redelongevidade.org.br/conexao60

CONEXÃO 6.0
DIGITAL

Mapeamento de iniciativas online para os 60+

Para cadastrar uma ação, acesse:
www.redelongevidade.org.br/conexao60

CONHEÇA PESSOAS QUE SÃO PROTAGONISTAS DA CAUSA DA LONGEVIDADE NO BRASIL

+ JUDY ROBBE SOUTH SHIELDS, INGLATERRA

Após vivenciar uma triste experiência com um amigo com demência, em 1980, Judy, orientada pela Alzheimer's Society, em Londres, decidiu inaugurar, nove anos depois, o primeiro Grupo de Suporte para Familiares em Belo Horizonte, o que seria o embrião da 'Harmonia de Viver - Alzheimer', iniciativa pioneira no Brasil e no mundo. Segundo Judy, que em 2021 completa 80 anos, o seu trabalho reside em complementar a atuação do trabalho médico – oferecendo o apoio e treinamento dos familiares de pessoas com Alzheimer e outras demências.



Foto: Gustavo Andrade | O Tempo



Foto: Reprodução

+ MAURÍCIO TIZUMBA BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Nas montanhas de Minas Gerais nasceu um empreendedor cultural, um multifacetado artista que expressa seu talento na música, nos instrumentos, no teatro, como capitão de congado e como cidadão. O Bloco Tambor Mineiro e o grupo de teatro Burlantins são exemplos dessa inquietação do multi-instrumentista. Fruto das oficinas ministradas pelo músico, em cortejo, o bloco apresenta repertório repleto de cantigas do congado mineiro; vozes femininas e masculinas se somam e sensibilizam o público em ruas e praças. Aos 62 anos, como cidadão de Minas, tem contribuído na luta por ampliar o acesso à cultura para todas as classes e todos os grupos sociais; seus trabalhos ocupam ruas e praças, envolvendo e sensibilizando o povo mineiro para a arte e a cultura negra. É ávido em preservar suas raízes e a história para diferentes gerações. Na biografia De Camarões: Veredas de Maurício Tizumba, ele traz essas mil faces exibidas na música, no teatro, no cinema, no congado e na sociedade.

+ SANDRA REGINA GOMES SÃO PAULO, SP

A fonoaudióloga Sandra Regina Gomes atua há mais de três décadas em prol da defesa dos maduros brasileiros. Com atuação em três esferas do governo, chegou ao município de São Paulo na época da sanção do Estatuto do Idoso e da aprovação da Política Nacional de Assistência Social, em 2004. Na atuação na esfera estadual, trabalhou na implantação do programa São Paulo Amigo do Idoso; em parceria com o professor Alexandre Kalache e secretariado, elaborou o Selo Amigo do Idoso. No âmbito federal, foi coordenadora-geral dos Direitos do Idoso, onde implantou o Disque 100 – Módulo Idoso, um atendimento telefônico para todo o país. No município de São Paulo, desenvolveu a campanha Sou Mais Sessenta, em parceria com Metrô e USP60+.

Foto: Reprodução



+ CYNTHIA CHARONE

BELÉM, PARÁ

Médica especializada em oftalmologia e gerontologia, Cynthia decidiu, desde cedo, atender ao chamado do propósito e se dedicar à medicina – carreira que traria mais oportunidades para cuidar das pessoas menos favorecidas. Mais de duas décadas depois de viajar pelos quatro cantos do Pará atendendo os prateados, criou o programa Viver Mais, de envelhecimento ativo e saudável. À frente do Grupo Cynthia Charone – instituição de saúde e promoção da qualidade de vida, nascida no coração da Amazônia, em Belém –, a médica tem criado formas de expandir o atendimento às pessoas idosas, no gerenciamento de doenças crônicas e reabilitação motora e emocional, e ainda às que buscam um processo de envelhecimento com qualidade de vida, com foco na prevenção. Para dar suporte a este trabalho, a médica trouxe para Belém – em parceria com o Instituto Israelita Albert Einstein – o curso de pós-graduação em Gerontologia, além de desenvolver parcerias com diversos órgãos para a promoção de cuidados e direitos da pessoa idosa no Pará. Criou também a Associação Multidisciplinar de Atenção ao Idoso, Crianças e Pessoas de Baixa Renda (AMAI), que mantém atendimento gratuito a esses públicos, inclusive com unidades móveis que vão até as comunidades.



Foto: Arquivo Pessoal

+ BRUNO ASSAMI

SÃO PAULO, SP

Hoje, à frente da Unibes Cultural, como diretor-executivo, transformou o centro cultural no principal ponto de encontro das iniciativas de apoio ao envelhecimento ativo na cidade de São Paulo. Ativista da causa da longevidade, promove na casa atividades diversas que têm como objetivo a construção de um novo retrato da maturidade e diminuir perspectivas negativas sobre o avanço da idade por meio da cultura e de outros olhares. Além do apoio a grandes projetos nacionais, como a Virada da Maturidade, Festival LAB60+, Beleza Pura e MaturiFest. Em 2018, trouxe ao Brasil, e pela primeira vez na América Latina, a exposição ‘Diálogos com o Tempo’, uma experiência interativa e intergeracional, na qual sensações limitantes são simuladas – um sucesso de público.



Foto: Ali Karakas | Circolare



Foto: Reprodução

+ PROF. EMERSON DE ALMEIDA

BELO HORIZONTE, MG

Nascido em 1941, a vida do incansável Professor Emerson de Almeida daria um filme e já virou livro. Cofundador e Presidente da Diretoria Estatutária da FDC sempre esteve atento ao papel social da organização. Em 2019, propôs a criação do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social (FADS), que tem o objetivo de garantir a perenidade de ações e programas de caráter social que visem ao desenvolvimento da educação de pessoas em situação vulnerável e das organizações voltadas para a promoção social. Em 2020, idealizou a criação do Centro Social Cardeal Dom Serafim, concebido para ampliar e acelerar os esforços da FDC para a redução das desigualdades sociais e a promoção do desenvolvimento econômico no Brasil, ampliando o escopo de apoio, também, para empreendedores da base da pirâmide, gestores de organizações sociais e as próprias instituições do terceiro setor, por meio do desenvolvimento e capacitação, além de um programa de bolsa de estudos. Lidera o Comitê Estratégico responsável por aprovar a estratégia do Centro, além de acompanhar os resultados dos projetos e os indicadores de transformação.

A Pauta da Longevidade na educação

O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO CRIA NOVAS PROFISSÕES E UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO. INSPIRADO PELO TRABALHO DE IMPACTO DO PROF. EMERSON DE ALMEIDA, RODRIGO CAMPELLO, DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO DE PARCERIAS DA FUNDAÇÃO DOM CABRAL, NOS CONTA AS PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES DE LEVAR ESSE TEMA PARA AS SALAS DE AULA.

1) Qual o principal impacto na sociedade ao levar o tema da longevidade para as escolas?

O envelhecimento populacional trará impactos para todos na sociedade, inclusive na forma como gerimos os negócios e as pessoas. No FDC Longevidade, nosso papel é antecipar tendências nos três eixos-alvo do estudo – pessoas, negócios e sociedade – e nosso maior desafio é o de inserir o tema da longevidade na formulação de políticas públicas e em conteúdos educacionais desde o início da vida escolar. É fundamental que comecemos a sensibilizar a população sobre os desafios e as oportunidades diante da longevidade desde a infância. É um erro achar que o tema só diz respeito às pessoas acima de 60 anos. A formulação de políticas públicas deve contemplar a preparação de todos na sociedade para a longevidade, em especial às classes mais desfavorecidas e com menos acesso à informação, para que possamos viver por mais tempo e com mais qualidade de vida.

2) Qual o papel deste relatório para o FDC Longevidade?

Considero o eixo sociedade como um grande guarda-chuva do tema, pois o impacto nos negócios e nas pessoas são consequências dos impactos sociais de uma forma geral. Precisamos identificar como outros países estão lidando com o envelhecimento populacional e buscar as melhores práticas para o Brasil. O Brasil tem características únicas na qualidade de um país continental e com uma diversidade tão grande. O papel da FDC como escola de negócios é gerar conhecimento e conteúdo relevante e útil a todos na sociedade, com um olhar que vai além das organizações e que também colabore com a gestão pública e com a sociedade civil. Para mim, o eixo sociedade é o mais importante do FDC Longevidade, dado que a adaptação a este novo contexto exigirá dos setores público e privado inovação, investimento, políticas públicas, educação e, sobretudo, informação.

3) Na sua opinião, todas as organizações educacionais terão de fato que se posicionar em relação ao impacto que geram na sociedade?

Sim. Todas as organizações, mais cedo ou mais tarde, irão perceber que os impactos e resultados de suas ações deverão ser percebidos para além dos seus acionistas, mas também por seus colaboradores, todos que fazem parte da cadeia de valor e principalmente nas comunidades em que atuam. É preciso que o engajamento em causas sociais seja por convicção e não para melhorar a imagem das empresas. O impacto que as organizações geram no seu entorno vai muito além de um olhar filantrópico, trata-se de um olhar para gerar valor compartilhado, desenvolvimento sustentável para todos e de investimentos socialmente responsáveis. A longevidade deveria ser vista por todos como a causa das causas, dado que o envelhecimento não é uma escolha, é apenas uma questão de tempo para todos e todas.



Foto: Rodrigo Campello
Créditos: Arquivo
Pessoal

Não se constrói Paraíso econômico em cima da ruína social

“O tema da longevidade é novo e complexo, exigindo o envolvimento de vários atores: não pode ser só o Estado, só os indivíduos ou só as empresas trabalhando em prol dessa causa. Precisamos de uma série de engrenagens, mais ou menos coordenadas, para que a agenda avance.”

ANTÔNIO LEITÃO

Gerente Institucional do Instituto
de Longevidade Mongeral Aegon

OS INSTITUTOS CORPORATIVOS ESTÃO CRESCENDO NO BRASIL COMO POSSIBILIDADE DE INVESTIMENTO SOCIAL PELAS EMPRESAS, PORÉM AINDA SÃO POUQUÍSSIMOS OS QUE OLHAM PARA A LONGEVIDADE COMO CAUSA A SER APOIADA

Mais de 50 anos atrás, Milton Friedman, economista e estatístico norte-americano, relatou que a responsabilidade social das empresas se baseava em aumentar o lucro, a qualquer custo, e dar bons retornos aos seus acionistas. Em agosto de 2019, no entanto, quase 200 líderes das maiores organizações norte-americanas, como Apple, Pepsi, JP Morgan e Walmart se reuniram para criar o que chamaram de Business Roundtable – uma associação que tem como propósito promover uma economia pulsante e crescente nos Estados Unidos por meio de melhores políticas públicas e oportunidades a todos – um caminho bem diferente do que Friedman propôs na Chicago de 1970.

“As empresas não podem mais desconsiderar o social, para além de modismo, para além de isso trazer reputação – o investimento social é necessário para a sobrevivência das organizações. Com a pandemia da Covid-19, percebemos que estamos todos integrados. Não adianta estarmos bem, e o vizinho, não. É um caminho sem volta: não se constrói paraíso econômico em cima de ruína social.”

Rosana Chaves, Superintendente de Relacionamento Institucional da Unimed-BH e do Instituto Unimed-BH

No Brasil, esse movimento também está acontecendo. De acordo com a pesquisa BISC de 2020, realizada pela Comunitas – organização da sociedade civil que fomenta e fortalece um pacto coletivo entre setores para o desenvolvimento sustentável do país –, os investimentos sociais corporativos e das fundações e dos institutos mais que dobraram em 2020, superando R\$ 5,2 bilhões, em comparação a R\$ 2,5 bilhões registrados em 2019. E a intenção é continuar crescendo: para 31% dos pesquisados, a expectativa é aumentar os recursos investidos atualmente.

No entanto, a pauta da longevidade passa despercebida pelos olhares (e bolsos) dos executivos que assinam



os cheques. De acordo com o Censo GIFE 2018 – que apresenta as principais características e tendências nas práticas do investimento social e da filantropia no país –, dos 19% dos 133 institutos corporativos que promovem iniciativas de defesa de direitos, apenas 6% mencionam o direito dos idosos. Dos 50% das organizações que têm algum perfil de público como foco prioritário, apenas 23% direcionam algum dos seus projetos ou programas para os 60+.

Para Antônio Leitão, Gerente Institucional do Instituto de Longevidade Mongeral Aegon, o preconceito etário não é o único fator pelo qual poucos institutos corporativos investem na causa do envelhecimento ativo: “Se você me fizesse essa pergunta há um tempo, eu diria que seria por preconceito etário, por desconhecimento ou pelo grande desafio que é trabalhar com essa pauta no Brasil. Mas, depois de estudar mais a fundo os dados do GIFE e do BISC, descobri que um

dos principais fatores de decisão dos institutos corporativos, para escolher esse ou aquele projeto a ser beneficiado, é estar alinhado com a estratégia de negócios da empresa.” Com apenas 1 em cada 5 empresas com projetos para o público 60+, isso significa que o problema vem antes. “Se o posicionamento das empresas para a responsabilidade corporativa precisa estar associado aos negócios, os institutos não vão olhar para longevidade antes de considerá-los consumidores importantes”, analisa Leitão em entrevista exclusiva ao FDC Longevidade.

Felizmente, como dissemos no início deste artigo, há institutos que fogem da regra e estão criando iniciativas de impacto para os brasileiros 60+. Rosana Chaves é a Superintendente de Relacionamento Institucional da Unimed-BH e do Instituto Unimed-BH – que no ano de 2020 captou quase 15 milhões de reais de patrocínio e doação de pessoa física, além dos recursos

via incentivo fiscal da própria organização – e conta ao FDC Longevidade sobre os projetos apoiados em prol dos prateados. “Como cooperativa temos a colaboração em nosso DNA. O princípio 7 do cooperativismo é o apoio à comunidade, então já nascemos com essa vocação. Apoiar os mais velhos foi muito natural pra gente”.

Para Rosana, o grande trunfo e um dos motivos pelos quais o Instituto Unimed-BH se tornou uma referência no país é a perenidade. “Quando apoiamos um projeto, garantimos sua perenidade. O apoio não

pode ser espasmódico, tem que ser contínuo, planejado ao longo do tempo. Só assim conseguimos ter impacto social e fazer sentido para o negócio.” Com a Casa do Beco, espaço teatral que fica no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, é assim. Desde 2003, a casa promove o desenvolvimento humano e a transformação social por meio de produções artísticas e teatrais em sua comunidade, com uma oficina para mulheres, o Entre Elas, formado quase exclusivamente pelas 60+. Outra iniciativa apoiada pelo instituto é o Projeto Sociedade do Riso, que leva palhaços para hospitais e moradias de idosos.

O Instituto de Longevidade Mongeral Aegon já nasceu com uma grande missão: se tornar a AARP brasileira. Para quem não conhece, a AARP é uma associação de aposentados americanos (muito usada em várias páginas deste estudo) que atua como representante dos seus quase 38 milhões de membros 50+, promovendo independência, dignidade e propósito para os maduros dos Estados Unidos. Com iniciativas próprias nas áreas de Trabalho, Cidades e Conhecimento, o Instituto de Longevidade Mongeral Aegon desde 2016 vem provocando um grande avanço nas discussões sobre os impactos sociais e econômicos do aumento da expectativa de vida no Brasil. Neste relatório, você já conheceu o Índice de Desenvolvimento Urbano para Longevidade (IDL), agora vamos apresentar o Gestão Pública para a Longevidade (GPL).

O GPL nasceu da vontade de colocar em prática os aprendizados colhidos ao analisar quase 900 municípios. “Quem de fato iria usar as informações do IDL? Os gestores públicos municipais. Muitas vezes eles têm ideias incríveis para a população 60+, mas nem sempre são as prioritárias”, nos conta Antônio Leitão, Gerente Institucional do Instituto de Longevidade Mongeral Aegon. O projeto de capacitação oferecido a gestores públicos, com foco na promoção de políticas voltadas para a longevidade foi financiado pelo Fundo do Idoso e, em sua primeira turma, em 2019, já deu bons resultados: o município de Palmas, no Tocantins, foi um projeto destaque no desenvolvimento de um plano de acessibilidade e mobilidade urbana para os prateados.

ROSANA CHAVES DÁ **3 DICAS** PARA SEU INSTITUTO CORPORATIVO APOIAR PROJETOS PARA OS 60+

1

comece já!

Não tem problema começar pequeno, dê o primeiro passo, ele é o mais importante.

2

engaje a ALTA DIREÇÃO

Essencial ter embaixadores que acreditem na causa da longevidade e que sejam multiplicadores internos, tanto para seus gestores quanto para seus colaboradores.

3

CONTINUIDADE

Só com investimentos perenes conseguimos ter um real impacto na vida dos mais velhos.

FUNDO DO IDOSO: um INCENTIVO FISCAL que POUCOS conhecem

EMPRESAS PODEM DESTINAR 1% DO SEU IMPOSTO DE RENDA PARA PROJETOS SOCIAIS QUE ATUAM COM IDOSOS. APESAR DISSO, A UTILIZAÇÃO DESSE INCENTIVO FISCAL ESTÁ ABAIXO DO SEU POTENCIAL.

Assim como o Fundo para Infância e Adolescência e as Leis de Incentivo à Cultura e ao Esporte, o Fundo do Idoso é um caminho de sustentabilidade financeira para ONGs do país inteiro. Na prática, trata-se de um mecanismo de incentivo fiscal em que empresas ou pessoas físicas podem doar uma parte de seu Imposto de Renda para organizações sociais que atendam ao público 60+.

Porém, diferente desses três mecanismos já consolidados e bem conhecidos, o Fundo do Idoso ainda é recente – as primeiras doações só foram contabilizadas em 2013 – e, por isso, ainda pouco disseminado entre os municípios. Isso porque, apesar de ser baseada em um imposto federal, a operacionalização dos fundos ocorre no nível municipal ou estadual, e a grande maioria dos territórios brasileiros ainda não se estruturou para

captar e executar recursos por esse caminho. Em 2018, apenas 5% de todos os municípios e Estados brasileiros captaram algum recurso via Fundo do Idoso, segundo levantamento da Nexo Investimento Social.

O potencial inexplorado da captação, portanto, é consequência da falta de acesso à informação e estruturação dos municípios e Estados para utilizarem esse caminho. Enquanto, em 2018, mais de R\$ 300 milhões foram captados pelos Fundos para Infância e Adolescência – que funcionam de forma bastante semelhante, e não concorrente –, esse valor foi 37% menor para o Fundo do Idoso.

Segundo o levantamento da Nexo Investimento Social, se a cada R\$ 1 investido na Lei Rouanet, fossem investidos R\$ 0,25 no Fundo do Idoso, em 2018, as doações seriam R\$ 136 milhões maiores. O gráfico na página seguinte mostra a lacuna de doações que poderiam ter sido realizadas seguindo essa proporção.

Na conversa com **Bruno Barroso**, sócio e cofundador da Nexo Investimento Social, desbravamos os caminhos para empresas e organizações se envolverem com o Fundo do Idoso, um dos incentivos fiscais mais recentes do país.

• Quem pode doar ao Fundo do Idoso?

Somente empresas tributadas pelo Lucro Real e pessoas físicas que optam pela declaração completa do Imposto de Renda podem fazer sua doação. Como mostra a tabela a seguir, o Fundo do Idoso pode utilizar 1% do valor do Imposto de Renda de pessoas jurídicas e até 6% do valor doado por pessoas físicas, disputando, nesse último caso, essa doação com outros incentivos fiscais.

• Quais organizações podem se beneficiar?

O Fundo do Idoso tem como objetivo viabilizar recursos para garantir que os 60+ tenham acesso

Mecanismo	Limite PJ	Limite PF
Lei Rouanet/ Lei do Audiovisual	4%	6%
Lei do Esporte	1%	
Fundo para Infância e Adolescência (FIA/FUMCAD)	1%	
Fundo do Idoso	1%	
PRONON	1%	1%
PRONAS/PCD	1%	1%
Total	9%	8%

Fonte: Informações cedidas por Nexo Investimento Social em dezembro de 2020



a todos os direitos estabelecidos pelo Estatuto do Idoso, tais como saúde, cultura, lazer e trabalho. Cada município ou Estado pode estabelecer quais são suas prioridades, de acordo com um diagnóstico da situação local. Nos últimos anos, parcela considerável dos recursos foi direcionada a Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), casas e associações de amparo aos idosos em estado de vulnerabilidade social e também para a saúde. Recentemente, têm surgido também outras opções de projetos voltados para a educação, a cultura e o empreendedorismo dos maduros em diversos municípios do Brasil.

• Mas, afinal, por que os Fundos do Idoso ainda engatinham?

O Fundo do Idoso ainda é um mecanismo de incentivo fiscal recente e pouco conhecido. Foi criado em 2010, quase 20 anos depois do Estatuto da Criança e do Adolescen-

te, sendo que, até 2012, os dois concorriam pela mesma fatia do Imposto de Renda. Além disso, o modelo descentralizado do incentivo exige que cada município ou Estado tenha sua própria estrutura para operar o Fundo do Idoso local. Antes de qualquer coisa, é preciso existir um Conselho local do idoso, que é paritário e formado em igual número de participantes entre sociedade civil e governo. O Fundo precisa ser criado por meio de uma legislação específica, com um CNPJ próprio e com conta bancária própria, na qual, obrigatoriamente, os valores das doações serão depositados. Após definir quais são as prioridades daquele município, o Conselho lança um edital para selecionar os planos de trabalho que poderão captar e executar recursos dentro daquelas diretrizes e cria processos para operacionalizar os recibos de doação, informar os recebimentos para a Receita Federal e efetivar a liberação dos recursos para os projetos.

É preciso, ainda, criar processos para operacionalizar os recibos de doação, informar os recebimentos para a Receita Federal e efetivar a liberação dos recursos

COMO FUNCIONA A CAPTAÇÃO DO FUNDO DO IDOSO?

PARA EMPRESAS DOADORAS

Cada município determina se a doação pode ser direcionada a uma organização ou a um projeto de preferência, obrigatoriamente com aprovação prévia via um edital, ou se ela é definida posteriormente pelo próprio Conselho, sem interferência do doador. Nos dois casos, porém, o capital doado sempre será depositado na conta específica do Fundo e depois repassado para a organização beneficiada. Está aí um dos fatores críticos de sucesso para a arrecadação dos fundos: a possibilidade ou não de os doadores direcionarem a doação para iniciativas de sua preferência. Outro fator importante é a celeridade para a liberação dos recursos doados para execução. Infelizmente, existem fundos no Brasil que chegam a demorar de 6 meses a um ano para liberar recursos para as organizações, o que pode acarretar em perda de credibilidade junto aos doadores.

Para organizações DE APOIO AOS 60+

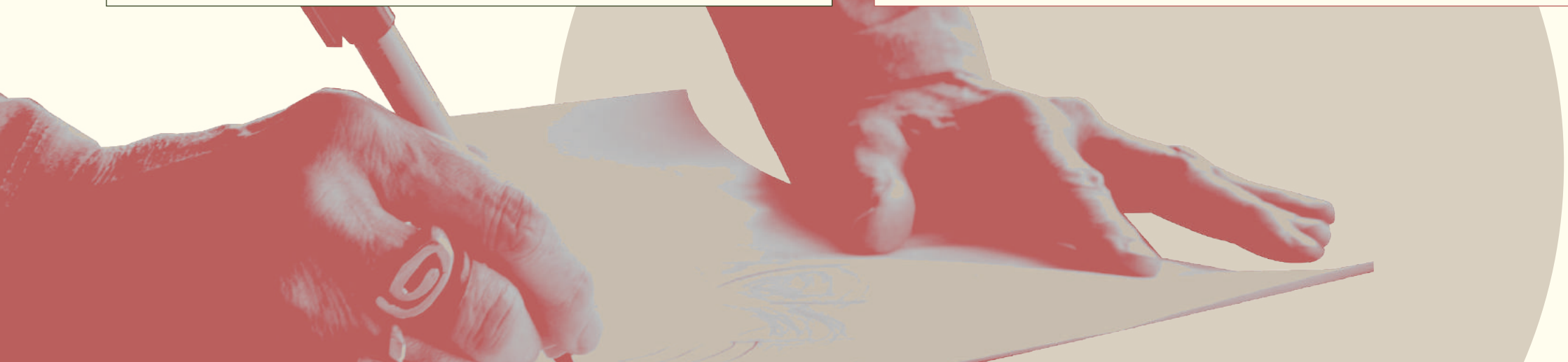
As organizações que desejam captar precisam entender, antes de tudo, como opera o Fundo do Idoso no Estado ou município em que estão sediadas. O primeiro passo geralmente é fazer um credenciamento no Conselho do Idoso local. Na sequência, é importante ficar atento aos prazos dos editais que permitem a submissão dos planos de trabalho e, também, às prioridades e diretrizes do Conselho naquele município ou Estado. Em alguns municípios, a captação é centralizada pelo Conselho local, e a empresa não escolhe qual projeto receberá o recurso no momento da doação. Em outros municípios, existe um modelo que permite a destinação do doador para projetos previamente cancelados pelo Conselho. Nesse caso, existe um edital prévio para definir quais projetos que, com a carta de chancela nas mãos, passam a buscar empresas e pessoas físicas que poderão destinar seus recursos incentivados para aquele projeto.

para os projetos. Os fundos estão ligados administrativamente a algum órgão da administração pública, geralmente à Secretaria de Assistência Social, e precisam ser incluídos no orçamento do município ou do Estado.

• Você pode dar um exemplo do impacto desse recurso?

A maior Instituição de Longa Permanência para Idosos do Norte e Nordeste do país beneficia, hoje, mais de 220 idosos com os recursos doados por meio do Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa do Município de Fortaleza (FMDPI). Nos últimos cinco anos, o Lar Torres de Melo já arrecadou mais de R\$ 15 milhões em doações, que são essenciais para a manutenção do atendimento e viabilizam anualmente medicamentos; refeições; atendimentos especializados e tratamento diário; além de atividades artísticas e outras ações envolvidas na rotina da organização.

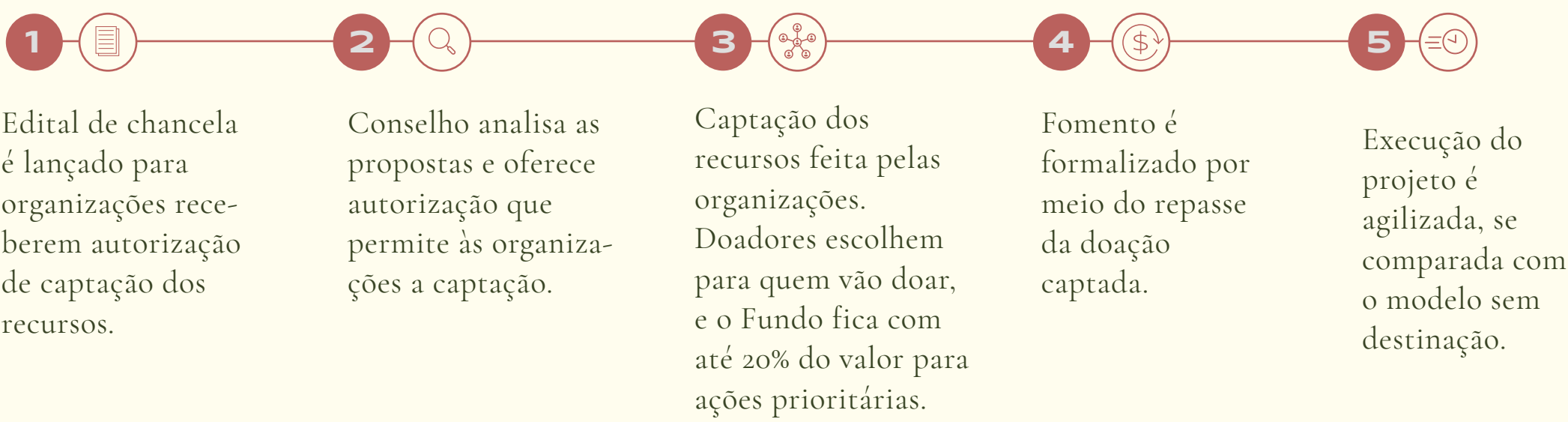
O Fundo do Idoso representa a oportunidade de interseccionalidade que a longevidade precisa: setor público, privado e sociedade civil juntos criando soluções para grandes desafios do país. Na próxima edição do FDC Longevidade, iremos apresentar a conexão entre os eixos pessoas, negócios e sociedade. Não perca!



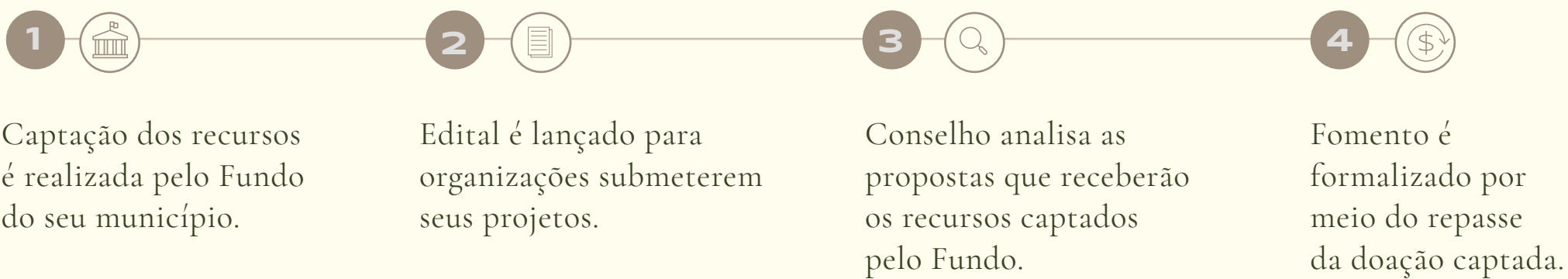


APresentamos abaixo como funciona o processo em cada cenário, de acordo com a possibilidade de destinação de recursos:

Modelo que permite direcionamento pelos doadores

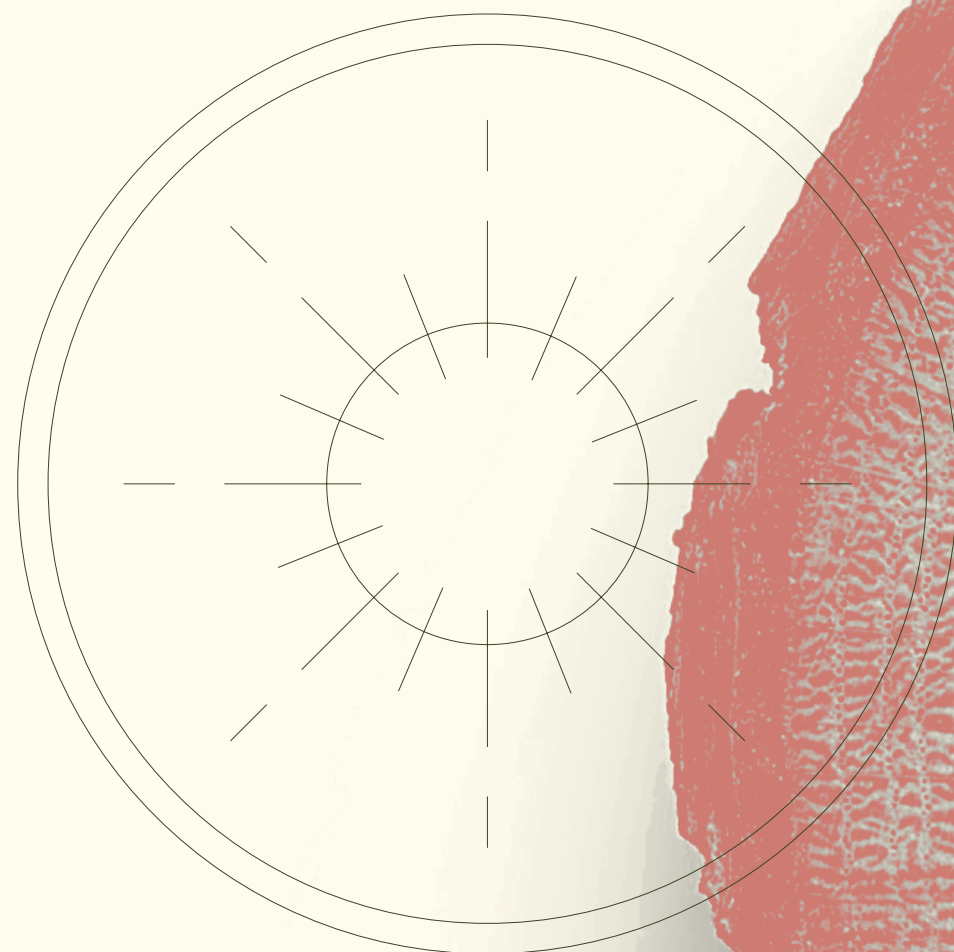


Modelo que não permite direcionamento para projetos e organizações





um convite Pra você



Neste terceiro estudo, trouxemos um olhar inovador e provocativo sobre o impacto social da Longevidade, destacando desafios, soluções, atores e organizações que participam deste ecossistema. No próximo Trendbook, abordaremos a conexão entre este e os demais estudos realizados, contribuindo para fortalecer uma visão integrada e estratégia entre pessoas, negócios e sociedade. Até breve!



MICHELLE
QUEIROZ COELHO

Professora Associada da FDC e
Coordenadora do FDC Longevidade

REFERÊNCIAS

ESTUDOS e PESQUISAS

Tsunami60+ (www.tsunami60mais.com.br) realizado pelo Hype50+ e Pipe.Social, 2018

Global Age-friendly Cities: A Guide, Organização Mundial da Saúde, 2007

Estudo SABE, realizado pela Agência FAPESP, 2020

National Bureau of Economic Research, 2016

Década do Envelhecimento Saudável, que integra a Estratégia Global sobre o Envelhecimento e a Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) 2020-2030

IDL 2020, Instituto de Longevidade Mongeral Aegon e Fundação Getúlio Vargas

2020 Tech and the 50+, AARP

Daxue Consulting, 2019

Pesquisa dos Valores Mundiais, realizada pela OMS, 2018

Políticas públicas para a pessoa idosa: marcos legais e regulatórios

The Ageing Better NetCen Panel Homes and Communities Study, 2020

World Population Ageing 1950-2050, Population Division

Brasil em Números, 2020

Índice Global de Sistemas Previdenciários, realizado por CFA Institute em colaboração com Monash Centre for Financial Studies (MCFS) e a Mercer

BISC 2020, Comunitas

Censo GIFE 2018

Levantamento Nexo Investimento Social, 2019

Livro The 100-Year Life: Living and Working in an Age of Longevity, Lynda Gratton, Andrew J Scott

LINKS

(todos os acessos são referentes aos meses de outubro de 2020 a janeiro de 2021)

www.salario.com.br, portal gratuito de pesquisa de cargos e salários do Brasil que coleta dados oficiais do Novo CAGED, eSocial e Empregador Web divulgados pela Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia.

Pension Watch, www.pension-watch.net

Tribunal Superior Eleitoral (TSE) www.tse.jus.br

America, the Gerontocracy, publicado na Politico Magazine www.politico.com/magazine/story/2019/09/03/america-gerontocracy-problem-politics-old-politicians-trump-biden-sanders-227986

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), IBGE

Associação Brasileira de Gerontologia (ABG) www.abgeronto.org.br

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) sbgg.org.br

Stanford Center Longevity longevity.stanford.edu

Business Roundtable www.businessroundtable.org

Inspere www.insper.edu.br/conhecimento/conjuntura-economica/reforma-previdencia-brasil-em-graficos/

Pequenas Empresas, Grandes Negócios revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2020/10/pandemia-agrava-situacao-de-idosos-e-faz-com-que-600-mil-deixem-o-mercado-de-trabalho.html

Canada Government canada.ca/Seniors

Qianzhan Industry Research Institute en.qianzhan.com

Transparência Brasil www.transparencia.org.br

IstoÉ www.istoedinheiro.com.br/em-15-anos-estatuto-do-idoso-deu-visibilidade-ao-envelhecimento/

Governo do Brasil www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/06/aumenta-numero-de-denuncias-de-violacao-aos-direitos-de-idosos-durante-pandemia

PNAD/ IBGE 2019

Next Avenue www.nextavenue.org/ashton-applewhite-manifesto-against-ageism/

Metrópoles www.metropoles.com/materias-especiais/populacao-negra-enfrenta-desafios-para-garantir-longevidade

BBC www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735